



Khalil Gibran

O Profeta

Com ilustrações do autor

O amor nada oferece além
de si mesmo e nada recebe
além de si mesmo.

O amor não possui, e tampouco
pode ser possuído; pois o amor
se basta em si mesmo.

Quando você ama
não deveria dizer,
“Deus está em meu coração”,
mas sim,
“Eu estou no coração de Deus.”





DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

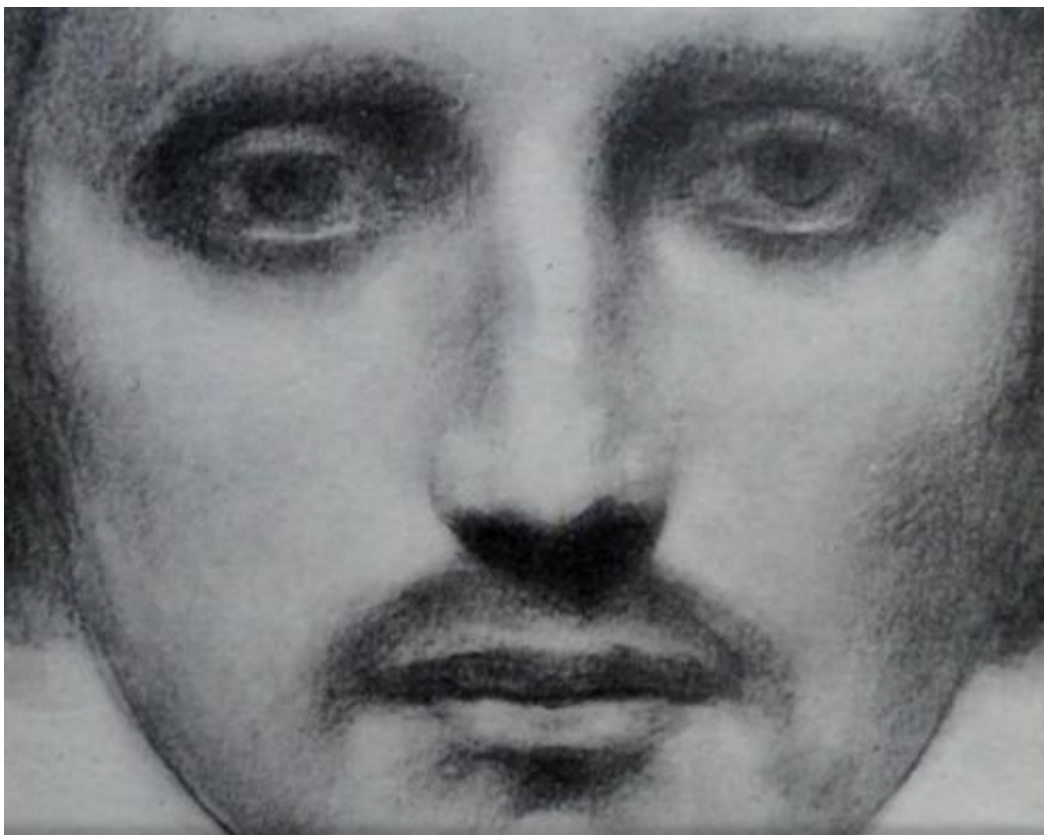
SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e


*poder, então nossa sociedade poderá enfim
evoluir a um novo nível."*





Khalil Gibran
O Profeta
eReader edition

Ilustrações do autor


tradução e organização
Rafael Arrais



Sumário

Introdução

O Profeta

A chegada do navio

O amor

O casamento

Os filhos

A caridade

O comer e o beber

O trabalho

A alegria e a tristeza

As casas

As roupas

O comprar e o vender

O crime e o castigo

As leis

A liberdade

A razão e a paixão

A dor

O autoconhecimento

O ensino

A amizade

A conversação

O tempo

O bem e o mal

A oração

O prazer

A beleza

A religião

A morte

A despedida

Epílogo: Após Gibran

Todo conteúdo original (em inglês; 1923) é de autoria de Gibran Khalil Gibran e se encontra em domínio público (exceto nos EUA). A tradução do inglês é de Rafael Arrais (2013).

Texto revisado segundo as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Organização e comentários: Rafael Arrais.
Ilustrações de Gibran Khalil Gibran.

Esta é uma edição de Textos para Reflexão
Para conhecer outras obras, visite o blog:
textosparareflexao.blogspot.com

Design e diagramação: Ayon
Copyright © 2013 por Rafael Arrais (eBook para eReaders v1.0)
Todos os direitos reservados

Introdução

Gibran não era um filósofo no sentido transcendental da palavra. Não trouxe uma nova doutrina, uma nova interpretação do universo. Era um filósofo no sentido humano da palavra, um pensador, um guia. E trouxe o que talvez mais falte a era atual, tão rica e tão pobre ao mesmo tempo: uma nova fé no homem, uma nova fé na vida. Gibran redescobriu o papel do coração. (Mansour Challita)

Seu nome completo é Gibran Khalil Gibran. Assim assinava em árabe. Em inglês, preferiu a forma reduzida e ligeiramente modificada de Kahlil Gibran. No Brasil é usualmente conhecido por Khalil Gibran. Entre seus amantes, apenas Gibran basta.

Nasceu em 1883 na cidade de Bsharri, situada nas montanhas do Líbano. Com sua família (a mãe, o irmão e duas irmãs; o pai permanece em Bsharri) emigra para os Estados Unidos em 1894, fixando moradia em Boston. Anos mais tarde retorna ao Líbano para completar seus estudos árabes.

De volta a Boston, perde sua mãe e seu irmão, e começa a escrever poemas e meditações e a colaborar para publicações voltadas à comunidade árabe. Seu estilo novo, cheio de musicalidade, imagens e símbolos, logo desperta a atenção não apenas dos outros imigrantes como também dos círculos intelectuais norte-americanos.

Além de escrever, também desenha e pinta num estilo místico que lhe é próprio (as ilustrações desta edição são dele). Assim, pouco a pouco vai conquistando notoriedade como artista plástico e escritor.

Já consagrado e residindo em Nova York desde 1910, Gibran morre naquela cidade, em 1931, em decorrência de uma crise pulmonar.

O Profeta, escrito originalmente em árabe e, depois, em inglês, é a obra mais profunda, conhecida e bem sucedida de Gibran. Já foi traduzida para mais de 30 idiomas e lida por milhões de pessoas em todo o mundo. Dentre estas há, quem sabe, milhares que o elegeram um livro de cabeceira, para onde retornam cada vez que sentem saudades da primavera.

Gibran, afinal, entendia da Alma, do Amor e das Estações...

Na floresta não existe nem rebanho, nem pastor.

Quando o inverno caminha, segue seu distinto curso como faz a primavera.

Os homens nasceram escravos daquele que repudia a submissão;

Se ele um dia se levanta, lhes indica o caminho, com ele caminharão...

Dá-me a flauta e canta!

O canto é o pasto das mentes,

e o lamento da flauta perdura mais que rebanho e pastor.

Na floresta não existe ignorante ou sábio.

Quando os ramos se agitam, a ninguém reverenciam.

O saber humano é ilusório como a cerração dos campos que se esvai quando o sol se levanta no horizonte...

Dá-me a flauta e canta!

O canto é o melhor saber,

e o lamento da flauta sobrevive ao cintilar das estrelas.

Na floresta só existe lembrança dos amorosos.

Os que dominaram o mundo e oprimiram e conquistaram, seus nomes são como letras dos nomes dos criminosos.

Conquistador entre nós é aquele que sabe amar...

*Dá-me a flauta e canta!
E esquece a injustiça do opressor;
Pois o lírio é uma taça para o orvalho e não para o sangue.*

*Na floresta não há crítico nem censor.
Se as gazelas se perturbam quando avistam companheiro, a
águia não diz: "Que estranho."
Sábio entre nós é aquele que julga estranho
apenas o que é estranho...
Ah, dá-me a flauta e canta!
O canto é a melhor loucura
e o lamento da flauta sobrevive aos ponderados e aos
racionais.*

*Na floresta não existem homens livres ou escravos.
Todas as glórias são vãs como borbulhas na água.
Quando a amendoeira lança suas flores sobre o espinheiro,
não diz: "Ele é desprezível e eu sou um grande senhor."
Dá-me a flauta e canta!
Que o canto é glória autêntica,
e o lamento da flauta sobrevive ao nobre e ao vil.*

*Na floresta não existe fortaleza ou fragilidade.
Quando o leão ruge não dizem: "Ele é temível."
A vontade humana é apenas uma sombra que vagueia no
espaço do pensamento,
e o direito dos homens fenece como folhas de outono...
Dá-me a flauta e canta!
O canto é a força do espírito,
e o lamento da flauta sobrevive ao apagamento dos sóis.*

*Na floresta não há morte nem apuros.
A alegria não morre quando se vai a primavera.
O pavor da morte é uma quimera que se insinua no
coração;*

Pois quem vive uma primavera é como se houvesse vivido séculos...

Dá-me a flauta e canta!

*O canto é o segredo da vida eterna,
e o lamento da flauta permanecerá após findar-se a
existência.*

Khalil Gibran. Na Floresta.



O Profeta

ALMUSTAFA, o eleito e amado, que era uma aurora em seu próprio dia, residiu por doze anos na cidade de Orphalese, esperando pelo retorno do navio que o levaria de volta a ilha onde nasceu.

E no décimo segundo ano, ao sétimo dia de Ailul, o mês da colheita, ele subiu num monte onde podia observar o mar além das muradas da cidade e se deparou com o navio chegando através da névoa.

Então os portais de seu coração se abriram, e sua alegria alçou voo sobre o mar. E fechou os olhos, orando no silêncio de sua alma.

Porém, na medida em que descia do monte, uma tristeza se aproximou, e ele pensou em seu coração:

“Como poderei ir embora em paz e sem pesar? Não, não será sem um ferimento na alma que deixarei esta cidade.

Longos foram os dias de angústia que passei dentro de seus muros, e longas foram as noites de solidão; e quem pode se separar de sua angústia e de sua solidão sem lamento?

Muitos foram os fragmentos do espírito que deixei espalhados nestas ruas, e muitas são as crias do meu desejo que caminham nuas por entre suas colinas, e eu não posso me afastar delas sem uma dor e um pesar.

Não é de um simples traje que eu hoje me dispo, mas de uma pele que arranco com minhas próprias mãos.

Tampouco é um mero pensamento que deixo para trás, mas um coração adocicado pela fome e pela sede.

Ainda assim, não posso mais me demorar.

A maré que tudo clama para si clama por mim, e eu preciso embarcar.

Pois permanecer, embora as horas queimem pela noite, seria me congelar e cristalizar, e estar delimitado num molde.

De bom grado levaria comigo tudo o que aqui está. Mas como isso poderia ser feito?

Uma voz não pode carregar consigo a língua e os lábios que lhe deram asas. É sozinha que ela deve buscar ao éter.

E igualmente só, sem o seu ninho, deve a águia voar rumo ao sol.”

Então, quando atingiu o sopé do monte, se virou novamente para o mar e observou o seu navio se aproximando do porto, e pôde ver um grupo de marinheiros na proa. Eram os homens de sua terra natal.

E sua alma gritou por eles, e ele lhes disse:

“Filhos de minha mãe ancestral, ó cavaleiros das ondas, com que frequência vocês têm navegado em meus sonhos.

E agora vocês vêm em meu despertar, que é o meu sonho mais profundo.

Estou pronto para viajar, e minha ânsia pela navegação está de velas abertas, esperando pelo vento.

Irei inspirar apenas uma vez mais neste ar calmo, e dedicarei apenas um único olhar amoroso para o que ficou.

E então deverei me juntar a vocês, um navegante entre navegantes.

E você, ó vasta maré, mãe adormecida,

Que sozinha é a paz e a liberdade para o rio e para o córrego,

Somente mais uma curva fará este riacho, apenas mais um murmúrio nesta clareira,

E então desaguarei em você, uma gota ilimitada num oceano ilimitado.”

E enquanto caminhava, observou a distância aos homens e mulheres abandonando suas hortas e vinhedos e correndo para os portões da cidade.

E ouviu suas vozes chamando seu nome, e anunciando a chegada do seu navio de um lado ao outro dos campos.

E ele disse para si mesmo:

“Acaso será o dia da separação o mesmo do encontro?

E acaso deverá ser dito que o meu anoitecer era em realidade a minha aurora?

E o que deverei oferecer aquele que largou sua enxada no meio do campo, ou aquele que deixou parada a roda de sua espremedeira [de uva]?

Deverá o meu coração se converter numa árvore cheia de frutos para que eu os possa colher e lhes distribuir?

E deverão meus desejos fluírem como uma fonte para que eu possa encher seus copos?

Serei uma harpa para ser dedilhada pela mão do onipotente, ou uma flauta para que o seu sopro me atravesse?

Eu sou um buscador de silêncios, e que tesouros havei encontrado neles que eu possa lhes passar adiante com confiança?

Se este é meu dia de colheita, em que campos terei plantado as sementes, e em que estações esquecidas?

Se esta é realmente a hora em que devo levantar minha lanterna, não será minha a chama que haverá de nela brilhar.

Vazia e apagada deverei erguer minha lanterna, e o guardião da noite a preencherá com óleo e a acenderá”.

Estas coisas ele disse usando palavras. Mas muito do que havia em seu coração sequer foi dito, pois ele mesmo era incapaz de traduzir em palavras os seus segredos mais profundos.

E quando ele adentrou a cidade todo o povo veio ao seu encontro, e todos clamavam o seu nome como uma só voz.

E os anciãos da cidade se aproximaram e lhe disseram:

“Não nos deixe, não nos deixe.

Você foi um meio-dia em nosso crepúsculo, e sua juventude nos abasteceu de sonhos para sonhar.

Você não é mais um estranho entre nós, nem um hóspede, mas nosso filho e bem amado.

“Não obrigue nossos olhos a sofrerem a fome de sua face.”

E os sacerdotes e as sacerdotisas lhe falaram:

“Não deixe que as ondas do mar nos separem agora, para que todos esses anos que passou conosco não se tornem mera memória.

Você caminhou entre nós como espírito, e a sua sombra têm sido uma luz a iluminar nossas faces.

Nós temos lhe amado muito. Mas nosso amor foi silencioso, e têm sido encoberto com véus.

Porém, agora ele clama por sua presença e deseja revelar-se.

Pois assim tem sido com o amor, que só reconhece sua profundidade na hora da separação.”

E outros vieram e lhe suplicaram. Mas ele não lhes respondeu. Ele apenas baixou sua cabeça, e aqueles que estavam próximos puderam ver suas lágrimas escorrerem até seu peito.

E, caminhando junto ao povo, chegou à grande praça em frente ao templo.

Então, uma mulher chamada Almitra saiu do santuário. Ela era uma vidente.

E ele a observou com enorme carinho, pois foi ela quem primeiro o procurou e acreditou em suas palavras quando ele era ainda um recém-chegado na cidade.

E ela o saudou, dizendo:

“Ó Profeta de Deus em busca do infinito, por muito tempo você sondou o horizonte a espera de seu navio.

E agora que ele finalmente chegou, você deve partir.

Profunda é a sua nostalgia pela terra de suas memórias e a morada de seus desejos mais grandiosos; e mesmo nosso amor seria incapaz de lhe aprisionar, nem nossas necessidades poderiam lhe reter.

Uma coisa, no entanto, lhe pedimos: antes que parta, fale para nós e nos ofereça um pouco da sua verdade.

E nós iremos oferecê-la aos nossos filhos, e eles a transmitirão aos seus próprios filhos, e ela não perecerá.

Em sua solidão, você vigiou os nossos dias, e em sua vigília você escutou aos gemidos e aos risos de nosso sono.

Agora, revele-nos a nós mesmos, e nos conte o que lhe foi permitido observar do que existe entre o nascimento e a morte.”

E ele respondeu:

“Povo de Orphalese, do que poderia lhes falar senão do que está já por este momento se movendo dentro de suas almas?”

ENTÃO, disse Almitra, “nos fale do Amor”.

E ele ergueu a cabeça e observou a multidão, e uma quietude recaiu sobre todos. Com uma voz forte, ele lhes disse:

“Quando o amor lhes acenar, sigam-no,
Embora seus caminhos sejam agrestes e escarpados.
E quando suas asas lhe envolverem, aceitem-nas,
Embora a espada oculta em suas plumas possa lhes ferir.
E quando ele lhes falar, acreditem no que diz,
Embora sua voz possa despedaçar os seus sonhos como o vento do norte devasta ao jardim.

Pois assim como o amor os coroa, ele também os crucifica.

E da mesma forma que auxilia em seu crescimento, trabalha também para a sua poda.

E assim como ascende a sua altura e acaricia os seus ramos mais tenros que se agitam ao sol,

Também desce até suas raízes e as sacode em seu apego à terra.

Como feixes de trigo, ele os aperta junto a si.

Ele os debulha para expor-lhes a nudez.

Ele os peneira para livrar-lhes das suas cascas.

Ele os mói até a extrema brancura.

Ele os amassa até que se tornem maleáveis.

Então ele os encaminha ao fogo sagrado, para que possam se tornar o pão místico do banquete divino.

Todas essas coisas o amor irá operar em seu interior para que conheçam aos segredos de seus próprios corações, e através deste conhecimento se tornem um fragmento do coração da Vida.

Entretanto, acaso em seu medo vocês buscarem apenas a paz e o prazer do amor,

Então será melhor que cubram a sua nudez e abandonem ao açoite do amor,

Para que deem risadas num mundo sem estações, mas nem todos os seus risos; e chorem, mas nem todas as suas lágrimas.

O amor nada oferece além de si mesmo e nada recebe além de si mesmo.

O amor não possui, e tampouco pode ser possuído;

Pois o amor se basta em si mesmo.

Quando você ama não deveria dizer, “Deus está em meu coração”, mas sim, “Eu estou no coração de Deus”.

E não pensem que podem direcionar o curso do amor, pois o amor, se lhes acharem dignos, determinará ele próprio o seu curso.

O amor não tem outro desejo senão o de cumprir a si mesmo.

Entretanto, acaso em seu amor precisarem ter desejos, que sejam estes os seus desejos:

De se diluírem e serem como um córrego que canta a sua melodia para a noitinha.

De conhecerem a dor da extrema sensibilidade.

De se ferirem por sua própria compreensão do amor.

E de sangrarem de boa vontade e com alegria.

De acordarem na aurora com um coração alado e agradecerem por um novo dia de amor;

De descansarem ao meio-dia e meditarem acerca do êxtase do amor;

De retornarem para casa a tardinha com gratidão;

E então, de adormecerem com uma prece para o amado em seus corações, e uma canção de louvor em seus lábios.”



ENTÃO Almitra falou novamente e disse, “e o que nos diz do Casamento, mestre?”

E ele respondeu assim:

“Vocês nasceram juntos, e juntos estarão para sempre.

Sim, vocês permanecerão juntos até mesmo na memória silenciosa de Deus.

Mas permitam que haja espaços em sua junção.

E deixem que os ventos celestes dançam entre vocês.

Amem um ao outro, mas não façam do seu amor uma prisão:

Deixem que exista um mar ondulante entre as praias de suas almas.

Enchem um ao copo do outro, mas bebam de sua própria taça.

Ofereçam um ao outro do seu pão, mas não comam juntos do mesmo pedaço.

Cantem e dançam juntos, e sejam alegres, mas deixem que cada um possa também estar só,

Assim como as cordas do alaúde são separadas e, no entanto, vibram na mesma música.

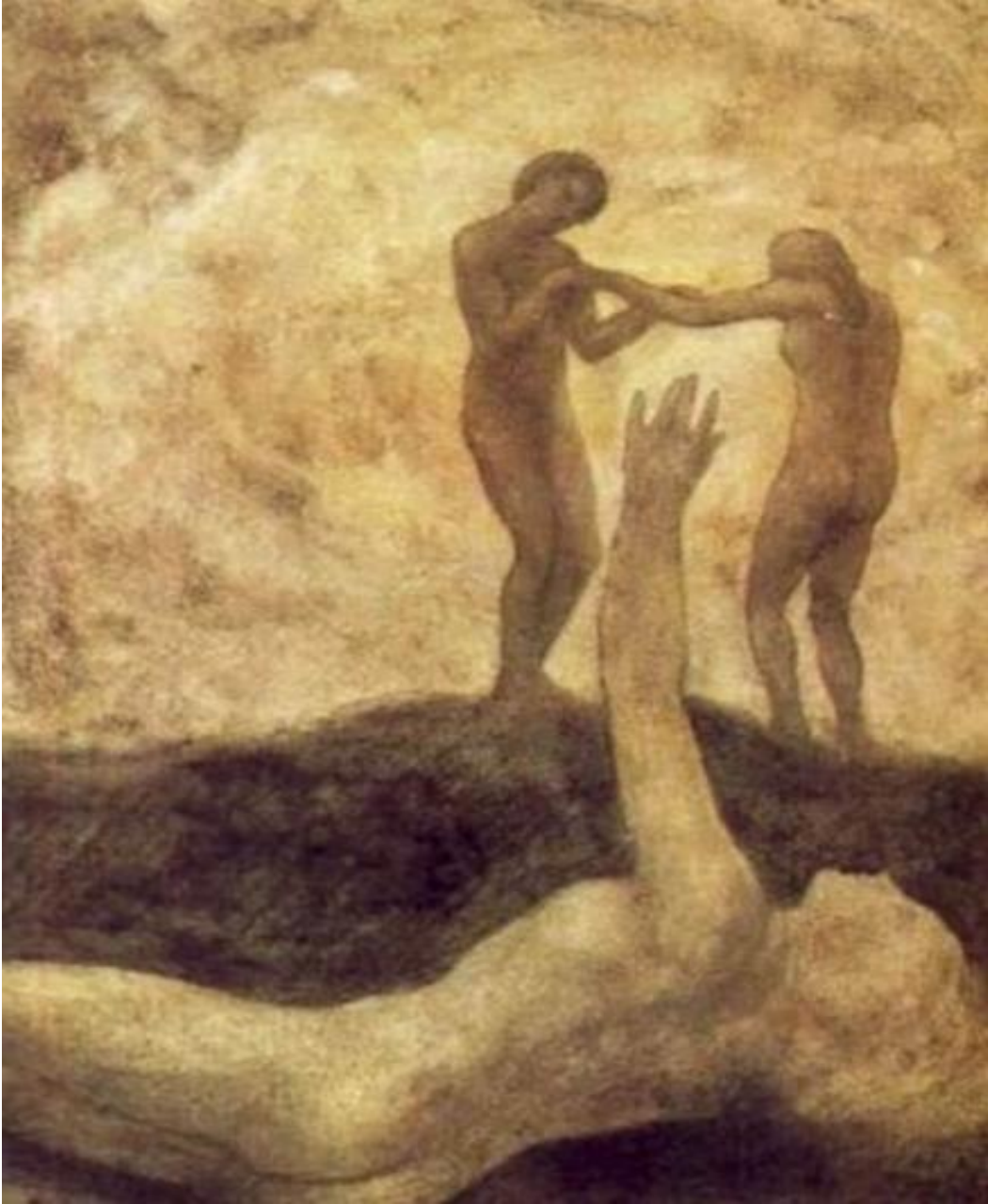
Ofereçam seus corações, mas não para a guarda um do outro.

Pois apenas a mão da Vida pode conter seus corações.

E vivam juntos, mas não tão colados um no outro:

Pois as colunas do templo estão separadas,

E o carvalho e o cipreste não crescem à sombra um do outro.”



E UMA MULHER que amamentava um bebê disse, “nos fale dos Filhos”.

E ele disse:

Seus filhos não são seus filhos.

Eles são os filhos e as filhas da ânsia da Vida por si mesma.

Eles vêm através de vocês, mas não de vocês,

E embora eles vivam ao seu lado, eles não pertencem a vocês.

Vocês podem lhes dar seu amor, mas não podem formar seus pensamentos,

Pois eles possuem seus próprios pensamentos.

Vocês podem abrigar seus corpos, mas jamais suas almas,

Pois suas almas residem na mansão do amanhã, que vocês não podem visitar nem mesmo em sonhos.

Vocês podem lutar para ser como eles, mas não procurem fazê-los como vocês.

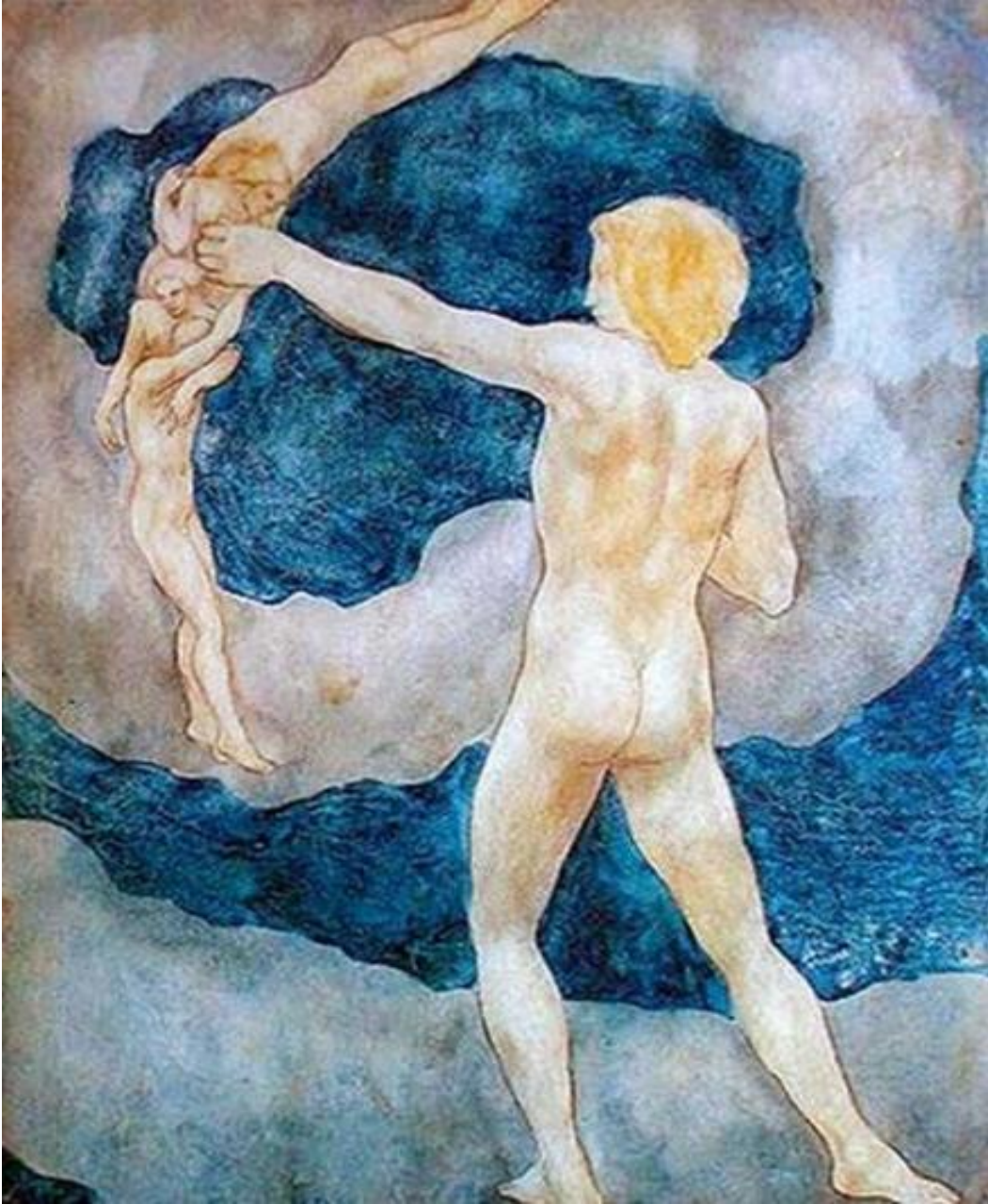
Pois a vida não anda para trás e nem se demora com o ontem.

Vocês são os arcos dos quais suas crianças são arremessadas como flechas vivas.

O Arqueiro fita o alvo no caminho infinito; Ele os estica com toda a Sua força para que Suas flechas possam voar ligeiras, rumo ao horizonte.

Deixe que o seu encurvamento na empunhadura do Arqueiro seja a sua alegria;

Pois assim como Ele ama a flecha que voa, ama da mesma forma ao arco que permanece estável.”



ENTÃO lhe disse um homem rico, “nos fale da Caridade”.

E ele respondeu:

“Vocês doam muito pouco quando doam de suas posses.

É quando doam de si mesmos que são realmente caridosos.

Pois o que são suas posses senão as coisas que guardam por medo de precisarem delas no amanhã?

E o amanhã, o que trará o amanhã para o cão prudentíssimo a enterrar seus ossos na areia movediça enquanto segue os peregrinos rumo a cidade santa?

E o que é o medo da necessidade futura senão a própria necessidade?

Não é o seu temor da sede, quando o seu poço se encontra cheio, a sede insaciável?

Há aqueles que doam pouco do muito que possuem – e o fazem buscando reconhecimento e elogios, e estes desejos ocultos desvalorizam sua caridade.

E há aqueles que possuem muito pouco, e doam tudo o que possuem.

Estes são os que creem na vida e em suas recompensas, e os seus cofres jamais se esvaziam.

Há aqueles que doam com alegria, e a alegria já é a sua recompensa.

E há aqueles que doam com pena, e a pena é o seu batismo.

E há aqueles que doam sem sentir pena, sem buscar alegria e sem pensar na virtude;

Eles doam como nos vales distantes, onde as murtas espalham sua fragrância pelo espaço.

É através das mãos de gente como esta que Deus se pronuncia; e por detrás de seus olhos, Ele sorri para o

mundo.

É bom doar quando solicitado, mas é ainda melhor doar sem que lhe peçam nada, somente por haver compreendido;

E para os generosos, a busca por alguém necessitado é uma alegria ainda maior do que a doação em si.

E, afinal, há alguma coisa que possam guardar?

Tudo o que possuem algum dia será doado;

Doem agora, portanto, para que a estação da caridade possa ser sua e não de seus herdeiros.

Vocês costumam dizer: “Eu daria, mas somente para os merecedores”.

Não é o que dizem as árvores em seus pomares, nem os rebanhos em seus pastos.

Eles doam para que possam viver, pois reter é perecer.

Certamente aquele que é digno de receber seus dias e suas noites é digno de receber tudo o mais de vocês.

E aquele que mereceu beber do oceano da vida merecerá encher o seu copo em seus pequenos córregos.

E qual o maior mérito do que aquele residente na coragem e na confiança e, principalmente, na caridade de quem recebe?

E quem são vocês para que os homens devam expor sua intimidade e desvelar seu orgulho, para que possam ver seu mérito nu e o seu amor próprio diminuído?

Busquem primeiramente saber se vocês mesmos merecem ser doadores, e um instrumento de caridade.

Pois na realidade é a Vida que doa a si mesma, e vocês que se julgam caridosos nada mais são do que testemunhas.

E vocês que recebem - e todos vocês recebem - não assumam nenhum encargo de gratidão, de modo que não ponham um jugo sobre vocês e seus benfeitores.

Antes, ergam-se junto a eles e voem em suas asas de caridade;

Pois preocupar-se demasiadamente com suas dívidas de gratidão é duvidar daquele que tem como mãe a terra de coração livre, e como pai, Deus.”

ENTÃO um homem velho, dono de uma estalagem, disse, “nos fale do Comer e do Beber”.

E ele respondeu:

“Seria bom se pudessem viver da fragrância da terra e, como uma planta, se alimentarem da luz.

Mas já que precisam matar para comer, e roubar do recém-nascido o leite materno para saciar sua sede, permitam que isto seja um ato de adoração,

E deixem que sua mesa seja um altar onde os puros e inocentes da floresta e da planície sejam sacrificados ao que é ainda mais puro e inocente no homem.

Quando matarem um animal, digam assim para ele em seus corações:

“Pelo mesmo poder que lhe assassina, eu também sou assassinado; e eu mesmo um dia serei consumido.

Pois a lei que o entregou em minhas mãos ainda irá me entregar a mãos mais poderosas.

Seu sangue e meu nada mais são do que a seiva que nutre a árvore do céu”.

E quando morderem uma maçã, digam assim para ela em seus corações:

“Suas sementes viverão em meu corpo,

E os brotos do seu amanhã irão florescer em meu coração,

E o seu perfume será meu hálito,

E juntos nós dançaremos através de todas as estações”.

E no outono, quando colherem as uvas de seus vinhedos para a espremedeira, digam assim para elas em seus corações:

“Eu também sou um vinhedo, e meus frutos serão colhidos para o vinho,

E, como vinho novo, serei guardado em vasos eternos”.

E no inverno, quando beberem do vinho, que haja em seus corações uma canção para cada taça;

E que haja na melodia uma lembrança para os dias de outono, para o vinhedo e para a feitura do vinho.”

ENTÃO um lavrador disse, “nos fale do Trabalho”.

E ele respondeu, dizendo:

“Vocês trabalham para que possam acompanhar o ritmo da terra e da alma da terra.

Pois ser ocioso é tornar-se um estranho às estações, e distanciar-se da procissão da Vida que marcha majestosa, com orgulhosa submissão, rumando ao infinito.

Quando trabalham, vocês são como uma flauta através da qual o sussurro das horas se torna música.

Qual de vocês iria se contentar em ser um caniço, surdo e mudo, enquanto tudo o mais canta em uníssono?

Sempre lhes disseram que o trabalho é uma maldição e a labuta um infortúnio.

Mas eu lhes afirmo que, enquanto trabalham, estão a realizar uma parte do sonho mais antigo da terra, e que o seu trabalho lhes foi assignado assim que este sonho nasceu,

E, ao trabalhar com entusiasmo, vocês estão em realidade declarando o seu amor a Vida,

E amar a Vida através da labuta é partilhar de seu segredo mais íntimo.

No entanto, acaso em seu sofrimento considerarem o nascimento uma aflição e a manutenção do corpo uma maldição inscrita em suas fronteiras, então eu lhes respondo que somente o suor em suas faces será capaz de lhes purificar deste estigma.

Também lhes disseram que a vida é escuridão, e durante o seu cansaço vocês têm ecoado aquilo que os exaustos

Ihes falaram.

E eu Ihes afirmo que a vida é realmente escuridão, salvo quando há algum impulso,

E todo impulso é cego, salvo quando há saber.

E todo saber é vão, salvo quando há trabalho,

E todo trabalho é vazio, salvo quando há amor;

E quando trabalham com amor, vocês se unem a si próprios, e um ao outro, e a Deus.

E o que seria isto, trabalhar com amor?

É tecer uma vestimenta com fios retirados de seu próprio coração, para que o amado possa vestir-se do seu amor.

É construir uma casa com afeição, como se o seu amado fosse o seu próximo residente.

É plantar sementes com ternura e realizar a colheita com alegria, como se o seu amado fosse comer dos seus frutos.

É preencher todas as coisas que faz com um sopro de seu próprio espírito,

E saber que todos os mortos abençoados estão de pé a sua volta, Ihes observando.

Por vezes tenho Ihes ouvido dizer, como se falassem durante o sono, “Aquele que trabalha no mármore, e encontra a forma de sua própria alma na pedra, este é mais nobre do que aquele que lavra a terra.

E aquele que agarra o arco-íris para o pôr sobre vestimentas nobres é superior aquele que confecciona sandálias para nossos pés”.

Mas eu Ihes afirmo, não durante o sono, mas no pleno despertar do meio-dia, que o vento não se dirige com maior doçura aos carvalhos gigantes do que à menor das folhas de grama;

E grandioso é aquele que transforma a voz ruidosa da ventania numa doce canção, através de seu amor.

O trabalho é o amor tornado visível.

E acaso não consigam trabalhar com amor, mas somente com desgosto, melhor seria que abandonassem o seu trabalho e se sentassem às portas do templo e solicitassem esmolas aqueles que trabalham com alegria.

Pois se vocês assam o pão com indiferença, produzem um pão amargo, que satisfaz apenas metade da fome do homem.

E se vocês espremem as uvas com má vontade, sua má vontade destilará um veneno em seu vinho.

E mesmo que cantem como os anjos, mas não amem o seu canto, vocês irão somente abafar o ouvido dos homens às vozes do dia e da noite.”

ENTÃO disse uma mulher, “nos fale da Alegria e da Tristeza”.

E ele a respondeu:

“Sua alegria é a sua tristeza desmascarada.

E o mesmo poço de onde nascem suas risadas foi, por muitas vezes, preenchido com suas lágrimas.

E como poderia ser de outra forma?

Quanto mais profundas as feridas da tristeza em seu ser, tanto mais alegria ele poderá conter.

Não é o copo de onde sorvem o seu vinho o mesmo que foi queimado no forno do oleiro?

E não é o alaúde que acalma os seus espíritos feito da madeira que foi entalhada a faca?

Quando estiverem alegres, olhem profundamente em seus corações e deverão compreender que o mesmo que antes lhes trouxe tristeza, agora lhes traz alegria.

Quando estiverem tristes, olhem novamente em seus corações, e deverão perceber que, na realidade, estão chorando pelo mesmo que antes constituiu o seu deleite.

Alguns de vocês dizem, “A alegria é maior que a tristeza”, enquanto outros afirmam, “Não, a tristeza é maior”.

Eu, no entanto, lhes digo que elas são inseparáveis.

Juntas elas caminham, e quando uma se senta sozinha em suas mesas, lembrem-se de que a outra dorme em suas camas.

A verdade é que vocês se encontram suspensos como os pratos de uma balança entre a sua tristeza e a sua alegria.

É somente quando estão vazios que se encontram em equilíbrio e harmonia.

Quando o guarda do tesouro os suspender para pesar o seu ouro e a sua prata, então deverão a sua alegria e a sua tristeza subir ou descer.”



ENTÃO um construtor se aproximou e lhe disse, “nos fale das Casas”.

E ele o respondeu assim:

“Construam de sua imaginação um abrigo no deserto antes de construírem suas casas dentro dos muros da cidade.

Pois, da mesma forma que vocês são bem vindos às suas casas durante o crepúsculo, o andarilho que vive em vocês, aquele ser sempre distante e solitário, é igualmente bem vindo.

Suas casas são o seu corpo mais amplo.

Ele cresce ao sol e adormece no silêncio da noitinha; e ele também sonha.

E não seria assim que mesmo as suas casas também sonham? E, sonhando, escapam da cidade rumo aos bosques ou as colinas?

Quem dera eu pudesse segurar suas casas em minha mão e, como um semeador, as espalhar pelas florestas e prados.

Quem dera os vales fossem suas estradas, e as trilhas da mata suas vielas, para que pudessem buscar um ao outro através dos vinhedos, e retornarem com a fragrância da terra em suas roupas.

No entanto, a era para essas coisas ainda não chegou.

Em seu medo, os seus antepassados se ajuntaram muito próximos uns dos outros.

As muralhas de suas cidades ainda irão permanecer separando os seus corações dos campos e dos prados; isto ainda irá durar algum tempo.

Mas digam-me, povo de Orphalese, o que possuem nessas casas?

E o que guardam atrás dessas portas trancadas?

Por acaso possuem a paz, o impulso de tranquilidade que revela o seu poder?

Por acaso possuem as recordações, os arcos cintilantes que se estendem sobre os cumes da mente?

Por acaso possuem a beleza, que conduz o coração das coisas construídas da pedra e da madeira rumo à montanha sagrada?

Digam-me, vocês possuem algo assim em suas casas?

Ou possuem somente o conforto, e o desejo do conforto, esta coisa furtiva que adentra suas casas como visita, e então logo se torna um hóspede, e logo mais o seu dono?

Sim, e se torna igualmente um domador, e com o gancho e o açoite logo domestica os seus desejos mais grandiosos.

Embora suas mãos sejam aveludadas, seu coração é puro ferro.

Ele os embala até que adormeçam, apenas para rondar suas camas e zombar da dignidade de seus corpos.

Faz piadas de seus sentidos mais sãos, e os deita na penugem macia como se fossem vasos muito frágeis.

Em realidade o seu desejo por conforto termina por assassinar a paixão de suas almas; e depois a acompanha, zombeteiro, em seu funeral.

Mas vocês, filhos do espaço, vocês que se inquietam em seu repouso, vocês não cairão em armadilhas nem serão domesticados.

Suas casas jamais serão âncoras, mas sim mastros.

Não serão como fitas reluzentes a cobrir um ferimento, mas como as pálpebras que guardam os olhos.

Vocês não necessitarão dobrar suas asas para atravessar suas portas, nem curvar suas cabeças para que não se choquem com o teto, nem reter sua respiração temendo que suas paredes se quebrem e desmoronem.

Vocês não habitarão em tumbas construídas pelos mortos para os vivos.

E apesar da magnificência e do esplendor de suas casas, elas não conterão os seus segredos nem abrigarão as suas saudades.

Pois aquilo que é infinito em vocês mora na mansão celeste, cuja porta é a bruma da aurora, e cujas janelas são as canções e os silêncios da noitinha.”

E LHE DISSE um tecelão, “nos fale das Roupas”.

E ele respondeu:

“Suas roupas ocultam muito da sua beleza, porém não escondem aquilo que não é belo.

E apesar de buscarem na moda a liberdade e a privacidade, vocês podem terminar por encontrar arreios e correntes.

Quem dera pudessem encontrar ao sol e aos ventos com mais de sua pele e menos de suas vestes.

Pois o sopro da Vida está na luz solar, e a mão da Vida se encontra nos ventos.

Alguns de vocês dizem, “Foi o vento do norte quem teceu nossas roupas”.

Eu, no entanto, lhes afirmo, “Sim, foi o vento do norte,

Mas a desonra foi o seu tear, e o amolecer dos nervos, o seu fio.

E quando terminou seu trabalho, ele deu risadas na floresta”.

Não esqueçam que o pudor é um escudo contra o olhar do impuro.

E quando o impuro não mais estiver aqui, que será este pudor senão uma mancha e um grilhão para a mente?

Assim, não esqueçam que a terra se rejubila ao sentir suas passadas descalças, e os ventos mal podem esperar para brincar com seus cabelos outra vez.”

E LHE DISSE um mercador, “nos fale do Comprar e do Vender”.

E ele respondeu:

“A terra lhe entrega seus frutos, e nada lhes faltará, bastando que saibam como encher suas mãos.

É nesta troca das dádivas da terra que encontrarão a abundância e serão satisfeitos.

No entanto, a menos que esta troca ocorra no amor e na justiça compassiva, ela levará uns para a ganância e outros para a fome.

Quando vocês, trabalhadores dos mares, campos e vinhedos, se encontrarem no mercado com os tecelões, oleiros e colhedores de especiarias,

Invoquem então ao espírito mestre da terra, para que venha até vocês e santifique as balanças e os cálculos que pesam valor contra valor.

E não permitem que os de mãos vazias tomem parte em suas transações, pois eles lhes venderiam suas palavras em troca do seu trabalho.

A tais homens vocês devem dizer:

“Venham conosco para os campos, ou vão com nossos irmãos para o mar e arremessem sua rede;

Pois a terra e o mar serão tão generosos para com vocês quanto o são para nós”.

E acaso apareçam os cantores, bailarinos e flautistas – comprem também das suas ofertas.

Pois eles também são colhedores de frutos e incensos que, embora possam ser feitos de sonhos, são como vestes e alimentos para suas almas.

E antes que deixem o mercado, busquem saber se ninguém se retirou de mãos vazias.

Pois o espírito mestre da terra não descansará em paz sobre os ventos enquanto as necessidades do mais humilde entre vocês não forem satisfeitas.”

ENTÃO um dos juízes da cidade se aproximou e lhe disse, “nos fale do Crime e do Castigo”.

E ele o respondeu, dizendo:

“É quando seu espírito se põe a vaguear pelo vento que vocês, sós e desprevenidos, cometem injustiças com os outros e, dessa forma, também para com vocês mesmos.

E pelo mal que causaram, vocês devem bater a porta dos bem aventurados e esperarem algum tempo até que sejam atendidos.

O seu deus interior é similar ao oceano;

Ele permanece sempre imaculado.

E como o éter, sustenta somente os seres alados.

O seu deus interior é igualmente similar ao sol;

Ele ignora os túneis das toupeiras e evita o covil das serpentes.

Mas o seu deus interior não habita sozinho o seu ser.

Muito de seu ser é ainda animal, e há muito em vocês que ainda não é humano,

Mas tão somente um pigmeu sem forma que vagueia sonâmbulo pela névoa buscando ao seu próprio despertar.

E é do que há de humano em vocês que eu desejo falar.

Pois é este ser humano, e não o deus interior ou o pigmeu andarilho, quem conhece o crime e o castigo do crime.

Costumeiramente tenho lhes ouvido falar daquele que comete um mal como se não fosse mais um de vocês, mas um estranho e um intruso em seu mundo.

Mas eu lhes afirmo que da mesma forma que o santo e o justo não podem se elevar acima do que há de mais elevado em cada um de vocês,

Da mesma forma o perverso e o fraco não podem descer abaixo do que há de mais vil em vocês.

E da mesma forma que nem uma única folha amarelece sem o assentimento silencioso de toda a árvore,

Da mesma forma o malfeitor não pode praticar o mal sem o consentimento oculto de todos vocês.

Pois, como uma procissão, todos vocês caminham juntos em direção ao seu deus interior.

Vocês são o caminho dos viajantes.

E quando um dentre vocês tropeça e cai, ele cai em favor dos que caminham atrás dele, os alertando acerca da pedra traiçoeira.

Sim, e ele também cai pelos que caminham adiante dele; estes que, embora possam ser mais ligeiros e dar passadas mais seguras, ainda assim não removeram a pedra traiçoeira do caminho.

E também ouvi isto, embora a palavra pese sobre seus corações:

O assassinado não é estranho ao que causou sua própria morte,

E aquele que foi roubado não é isento de culpa por haver sido roubado.

O justo não é inocente das ações do perverso,

E aquele de mãos limpas não está limpo das ações dos corruptos.

Sim, o culpado é muitas vezes uma vítima de outro que foi oprimido,

E, ainda com maior frequência, o condenado carrega o fardo do inocente e do irrepreensível.

Vocês não podem separar o justo do injusto e o bom do perverso;

Pois que ambos caminham juntos sob a face do sol, da mesma forma que os fios negros são tecidos juntamente com os brancos.

E quando o fio negro se rompe, o tecelão examina todo o tecido, e também o tear.

Acaso um dentre vocês traga a julgamento uma esposa infiel,

Que ele também pese na balança o coração de seu marido, e meça sua alma cuidadosamente.

E aquele que deseja açoitar o ofensor, que examine o espírito do que foi ofendido.

E se qualquer um de vocês pretende punir em nome da justiça e derrubar com um machado a árvore do mal, que ele observe as suas raízes;

E em realidade ele encontrará as raízes do bom e do mal, do frutífero e do estéril, todas elas entrelaçadas no coração silencioso da terra.

E vocês, juízes que buscam ser justos.

Qual julgamento pronunciariam sobre aquele que, embora honesto na carne, é um ladrão em espírito?

Qual punição aplicariam sobre aquele que, embora seja um assassino na carne, é uma vítima de assassinato em espírito?

E como processariam aquele que, embora seja um impostor e um opressor em suas ações,

É também molestado e ultrajado?

E como puniriam aqueles cujo remorso já é bem maior do que os seus delitos?

Não é o remorso uma justiça administrada pela mesma lei que procuram servir?

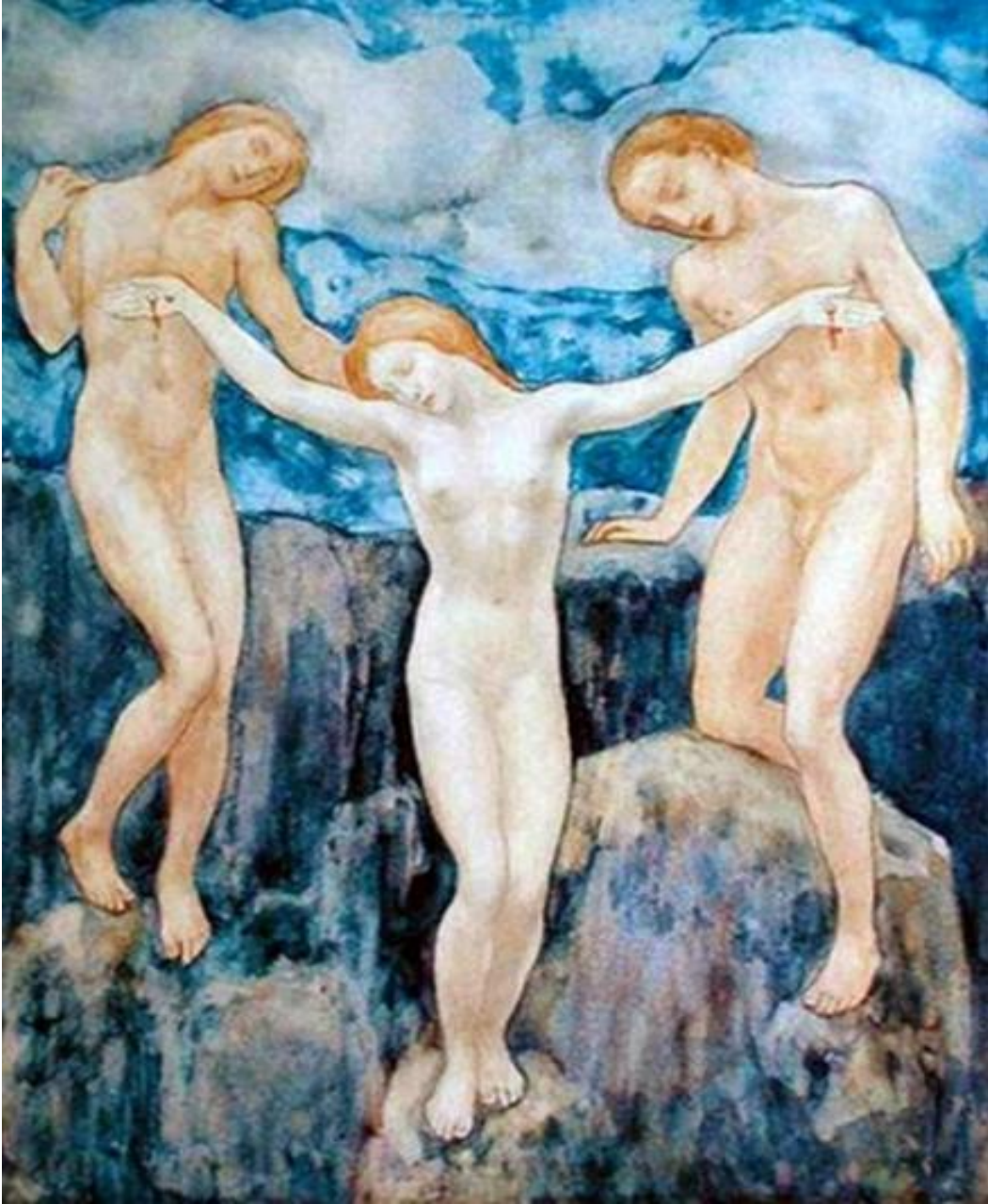
E, contudo, vocês não podem colocar o remorso no coração do inocente e nem retirá-lo do coração do culpado.

Ele gritará espontaneamente pela noite, para que os homens despertem e contemplem a si mesmos, e reconsiderem suas penas.

E vocês que desejam compreender a justiça, como poderiam compreendê-la sem examinar todas as ações na plenitude da luz?

Somente então tomarão conhecimento de que o mais ereto e o mais arqueado são um mesmo homem, de pé no crepúsculo entre a noitinha de seu pigmeu andarilho e a aurora de seu deus interior,

E que a pedra angular do templo não é mais elevada do que a pedra mais funda em suas fundações.”



ENTÃO um advogado lhe disse, “mas e quanto as nossas Leis, mestre?”.

E ele respondeu:

“Vocês se deleitam em criar leis,

Mas se deleitam ainda mais em transgredi-las.

Como crianças brincando nas praias, edificando torres de areia com firmeza e, logo após, as destruindo enquanto dão risadas.

Mas enquanto vocês erguem suas torres de areia o oceano traz mais areia para a praia,

E quando as destroem, o oceano ri junto com vocês.

Pois em realidade o oceano sempre ri junto aos inocentes.

Mas o que dizer daqueles para quem a vida não é uma praia junto ao mar, nem tampouco as leis são como torres de areia,

Aqueles para quem a vida é uma pedra, e a lei, um cinzel com o qual gostariam de esculpi-la à sua própria imagem?

Que dizer do aleijado que odeia dançarinos?

E do boi que ama o seu jugo e considera o alce e o veado da floresta seres extraviados e vagabundos?

E da velha serpente que não pode mais trocar de pele, e julga todas as demais como desnudas e desavergonhadas?

E daquele que chega mais cedo ao banquete de casamento e, após haver se cansado de tanto comer e beber, vai embora reclamando que todo banquete é uma violação da lei e todos os festeiros são transgressores?

O que poderia dizer desses todos, senão que eles também estão de pé sob a luz do sol, porém de costas para o sol?

Eles veem apenas as suas sombras, e as suas sombras são as suas leis.

E o que é o sol para eles senão um criador de sombras?

E o que consideram o conhecimento das leis senão o ajoelhar e o tracejar de tais sombras sobre a terra?

Mas vocês que caminham encarando o sol, que imagens desenhadas sobre a terra podem lhes deter?

Vocês que viajam junto ao vento, qual cata-vento poderá orientar o seu curso?

Qual lei humana poderá lhes reter se vocês romperam o seu jugo, mas não perante a porta de uma prisão humana?

Quais leis haverão de temer se vocês dançam, mas sem jamais tropeçar sobre as correntes das prisões?

E quem poderá lhes trazer a julgamento se vocês rasgam suas vestes, mas não as atiram sobre o caminho alheio?

Povo de Orphalese, vocês podem abafar o tambor e afrouxar as cordas da lira, mas quem poderá proibir a cotovia de cantar?"



E LHE DISSE um orador, “nos fale da Liberdade”.

E ele respondeu:

“Nos portões da cidade e no aconchego de seus lares, eu os vi prostrados a adorar sua própria liberdade,

Como escravos que se rebaixam perante um tirano e os glorificam, ainda que ele os destrua lentamente.

Sim, no bosque do templo e pela sombra da cidadela eu tenho observado aos mais livres dentre vocês vestirem sua liberdade como o preso coloca suas algemas.

E meu coração sangrou em meu interior; pois vocês só poderão ser libertos quando até mesmo o desejo de liberdade deixar de ser um jugo, e quando cessarem de falar dela como se fala de uma meta e de um fim.

Vocês serão livres, em realidade, quando se livrarem das preocupações dos dias e dos desejos e aflições das noites;

E assim, mesmo quando essas coisas sobrecarregarem suas vidas, vocês se elevarão acima delas, desnudos e desatados de todos os seus nós.

E como vocês se elevarão acima dos seus dias e noites a menos que partam as correntes com as quais, na aurora de sua compreensão, vocês se ataram as suas horas passadas?

Na verdade, isto que chamam “liberdade” é a mais pesada dessas correntes, embora seus anéis cintilem ao sol e ofusquem os seus olhos.

E o que são senão fragmentos de si próprios aquilo do que vocês buscam se livrar para se tornarem libertos?

Se é uma lei injusta o que buscam abolir, lembrem-se de que esta lei foi escrita por suas próprias mãos em suas próprias frentes.

Vocês não podem apaga-la pela queima de seus códigos de leis ou por lavarem as faces de seus juízes, embora derramem todo o mar sobre eles.

E se é um déspota que desejam destronar, certifiquem-se primeiro de que o trono erguido em seus interiores já se encontre destruído.

Pois como poderia um tirano dominar os livres e os orgulhosos se estes já não possuíssem uma tirania em sua própria liberdade e uma vergonha em seu próprio orgulho?

E se é uma preocupação o que desejam eliminar, esta preocupação não lhes foi imposta, mas sim escolhida por vocês mesmos.

E se é um medo o que desejam dissipar, o trono deste medo está em seu coração e não nos lugares assombrados.

Em realidade, todas essas coisas se movem em seus interiores em constante meio enlace - o que é desejado e o que é temido, o que é repugnante e o que é atrativo, o que buscam e o que lhes inspira a fuga.

Tais coisas se movem em seu ser como luzes e sombras, em pares estreitamente unidos.

E quando a sombra se dissipa e já não está mais lá, a luz que ainda perdura se torna a sombra de uma outra luz.

E assim é que a sua liberdade, quando se livra de seus grilhões, se torna ela mesma um grilhão para uma liberdade ainda maior.”

E A SACERDOTISA se manifestou novamente e lhe disse, “nos fale da Razão e da Paixão”.

E ele respondeu, dizendo:

“Sua alma é frequentemente um campo de guerra, onde sua razão e seu juízo batalham contra sua paixão e seu desejo.

Quem dera eu pudesse ser o pacificador de suas almas, e que pudesse transmutar a discórdia e a rivalidade de seus espíritos em união e harmonia.

Mas como poderei fazê-lo, a não ser que vocês mesmos sejam também os pacificadores, ou melhor, os amantes de seus próprios espíritos interiores?

Sua razão e sua paixão são o leme e as velas de suas almas navegantes.

Acaso suas velas se rasguem ou seus lemes se quebrem, vocês ficarão perdidos e a deriva; ou ainda, imóveis no meio do oceano.

Pois que a razão, quando reina solitária, confina seus instintos; e a paixão, quando abandonada e descuidada, se torna um fogo que pode consumir a si mesmo.

Assim sendo, deixem que suas almas elevem sua razão à altura de sua paixão, para que ela possa cantar;

E deixem que suas almas dirijam sua paixão juntamente com sua razão, para que sua paixão possa viver sua própria ressurreição diária e, assim como a fênix, renascer de suas próprias cinzas.

Eu gostaria que tratassem seu juízo e seu desejo como tratariam dois hóspedes amados em suas próprias casas.

Certamente vocês não reverenciariam a um convidado mais do que ao outro; pois quem procura tratar melhor a

um deles, perde o amor e a confiança de ambos.

Sobre as colinas, quando vocês se sentam sob à sombra fresca dos álamos brancos, compartilhando a paz e a serenidade dos campos e prados distantes - então, permitam que o seu coração diga em silêncio, "Deus repousa na razão".

E quando vier a tempestade, e a grande ventania sacudir a floresta, e o trovão e o relâmpago proclamarem a majestade celeste - então, permitam que o seu coração diga em reverência, "Deus se move na paixão".

E já que são um sopro na esfera divina, e uma folha em Sua floresta, vocês também deveriam descansar na razão e agir na paixão."

E UMA MULHER lhe disse, “nos fale da Dor”.

E ele respondeu:

“Sua dor é o rompimento da casca que enclausura a sua compreensão.

Assim como a semente da fruta deve se romper para que o seu coração se mostre para o sol, do mesmo modo vocês devem conhecer a dor.

Acaso os seus corações pudessem viver sempre em deslumbramento ante os milagres diários da vida, sua dor não lhes pareceria menos maravilhosa do que sua alegria;

E vocês aceitariam as estações de seus corações assim como sempre aceitaram as estações que passam sobre os seus campos e prados.

E contemplariam com serenidade aos invernos de sua tristeza.

Boa parte do seu sofrimento foi escolhida por vocês mesmos.

É a poção amarga através da qual o seu médico interior cura o seu paciente.

Confiem, portanto, neste médico, e bebam o seu remédio em silêncio e tranquilidade:

Pois sua mão, embora seja dura e pesada, é guiada pela mão suave do Invisível,

E a taça que oferece, embora queime os seus lábios, foi confeccionada com a argila que o Oleiro umedeceu com Suas próprias lágrimas.”

E UM HOMEM lhe disse, “nos fale do Autoconhecimento”.

E ele respondeu, dizendo:

“Seus corações conhecem em silêncio aos segredos dos dias e das noites.

Mas seus ouvidos anseiam ouvir ao som do conhecimento em seus corações.

Vocês gostariam de conhecer em palavras aquilo que sempre souberam em pensamento.

E assim poderiam tocar seus dedos no corpo nu de seus sonhos.

Este é um bom desejo.

A fonte secreta de suas almas precisa brotar e desaguar pelos córregos murmurantes até o mar;

E assim o tesouro de suas profundezas infinitas seria revelado aos seus olhos abertos.

Mas não usem balanças para pesar tais tesouros desconhecidos;

E não busquem explorar as profundezas de seu conhecimento com uma vara ou uma sonda,

Pois o Eu é um oceano sem limites e imensurável.

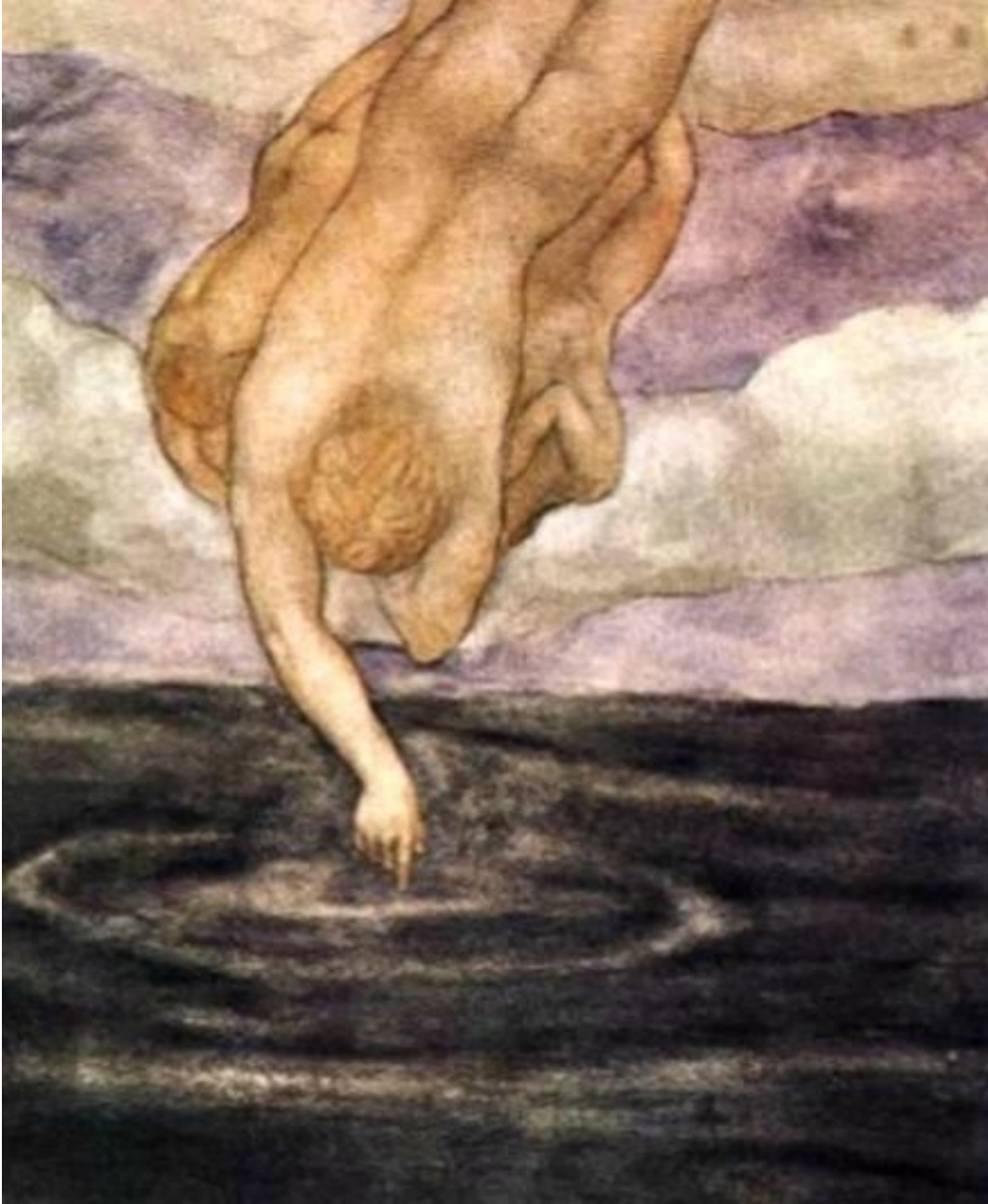
Não digam, “Encontrei a verdade”, mas sim, “Encontrei *uma* verdade”.

Não digam, “Encontrei o caminho da alma”, mas sim, “Encontrei a alma andando em meu caminho”.

Pois a alma anda por todos os caminhos.

A alma não anda sobre uma linha reta nem cresce como a cana.

A alma manifesta a si mesma, e floresce como um lótus de inúmeras pétalas.”



ENTÃO lhe disse um professor, “nos fale do Ensino”.

E ele respondeu:

“Homem algum poderá lhes revelar nada além do que já se encontra meio adormecido na aurora do que vocês já conhecem.

O mestre que caminha à sombra do templo, junto aos seus alunos, não doa da sua sabedoria, mas antes da sua fé e da sua compaixão.

Se ele é realmente sábio, não lhes convidará a adentrar na mansão da sua sabedoria, mas antes deverá lhes guiar até o limiar de suas próprias mentes.

O astrônomo poderá lhes falar de sua compreensão do espaço, mas não poderá lhes doar esta compreensão.

O músico poderá cantar para vocês seguindo ao ritmo que existe em todos os espaços, mas não poderá lhes conferir o ouvido que capta a melodia, nem a voz que a ecoa.

E aquele que é versado na ciência dos números poderá lhes falar do mundo dos pesos e medidas, mas não poderá lhes encaminhar até ele.

Pois a visão de um homem não empresta suas asas ao outro.

E assim como cada um de vocês se encontra isolado na consciência de Deus, da mesma forma cada um de vocês deve ter o seu próprio conhecimento de Deus e a sua própria compreensão do que jaz na terra.”

E UM JOVEM lhe disse, “nos fale da Amizade”.

E ele respondeu, dizendo:

“Seu amigo é a resposta para suas necessidades.

Ele é o campo onde vocês semeiam com amor e colhem com agradecimento.

Ele é a sua mesa e a sua lareira.

Pois que vocês dirigem-se a ele com fome, e também quando buscam a paz.

Quando seu amigo expressar seu pensamento, não temam o “não” em suas próprias opiniões, e tampouco retenham o “sim”.

E quando ele se calar, permitam que seus corações continuem a escutá-lo;

Pois que na amizade todos os pensamentos, desejos e expectativas nascem e são compartilhados sem palavras, com uma alegria silenciosa.

Quando se separarem de seu amigo, não se aflijam;

Pois aquilo que mais amam nele pode se tornar ainda mais claro durante sua ausência, assim como para o alpinista a montanha é mais nítida quando vista da planície.

E que não haja outra finalidade na amizade que não o amadurecimento do espírito.

Pois o amor que busca outra coisa que não a revelação de seu próprio mistério não é amor, mas uma rede armada: e nela somente o que há de inútil é apanhado.

E permitam que o seu melhor seja oferecido ao seu amigo.

Se ele deve conhecer o refluxo de sua maré, que conheça também a sua inundação.

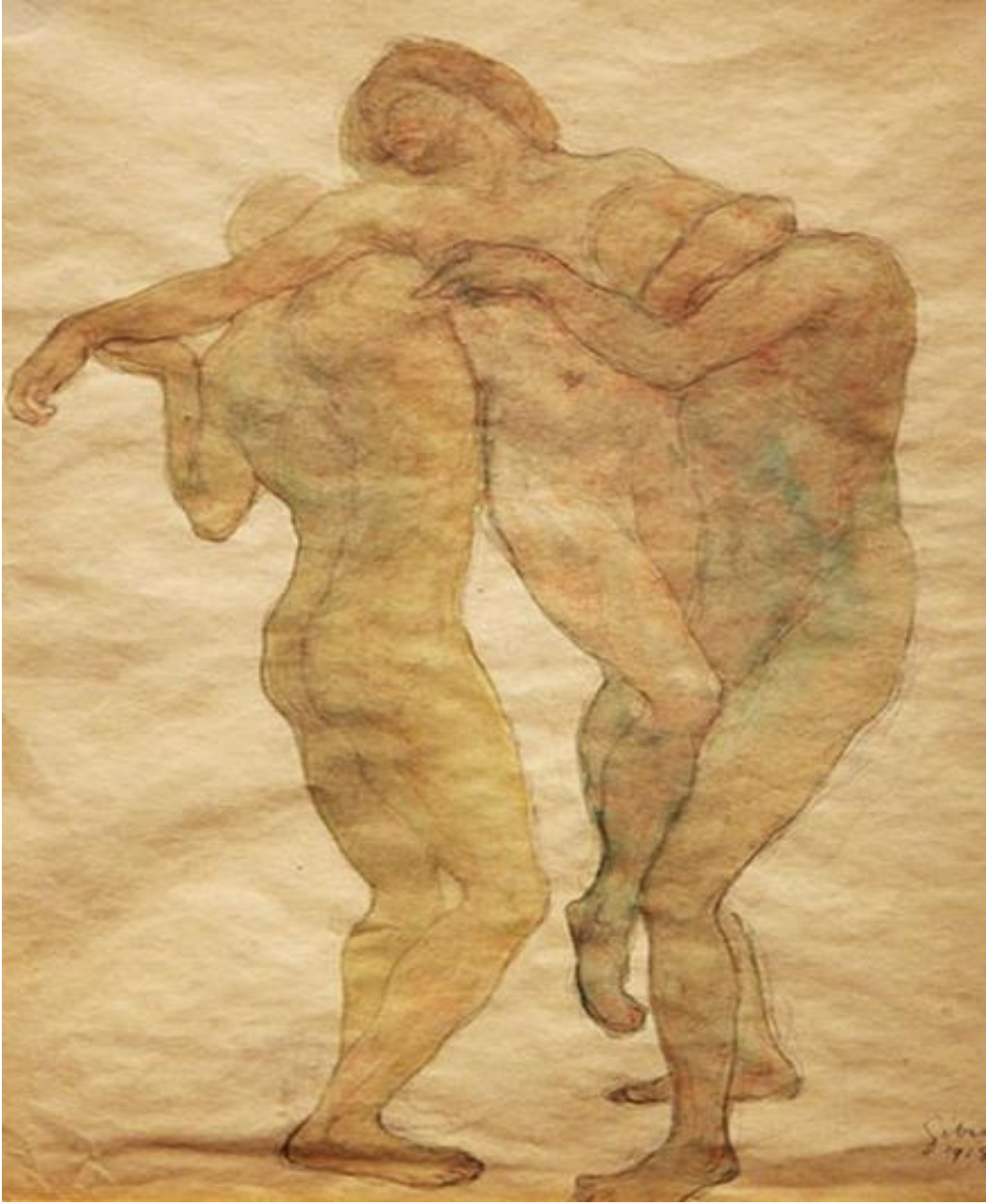
Pois o que será de seu amigo se vocês somente o buscam a fim de matar o tempo?

Busquem-no sempre com horas por serem vividas.

Pois que o papel de seu amigo é preencher suas necessidades, e não os seus vazios.

E na doçura de sua amizade, que haja risadas e a troca de prazeres.

Pois no orvalho destas pequenas coisas o coração encontra sua manhã e se sente revigorado.”



E UM INTELLECTUAL lhe disse, “nos fale da Conversação”.

E ele respondeu:

“Vocês conversam quando deixam de estar em paz com seus pensamentos;

E quando não podem mais habitar na solidão de seus corações, vocês buscam viver em seus lábios, encontrando diversão e passatempo no som que emitem.

Em grande parte de suas conversas, o pensamento é meio assassinado.

Pois o pensamento é uma ave do espaço que, enclausurada numa gaiola de palavras, pode abrir as asas, mas jamais voar.

Entre vocês há aqueles que procuram os tagarelas por medo de estarem sós.

O silêncio da solidão revela aos seus olhos suas almas nuas, e eles preferem escapar de tal visão.

E há aqueles que falam e, sem saber ou prever, revelam uma verdade que eles mesmos não compreendem.

E há aqueles que possuem a verdade dentro de si, mas não a expressam em palavras.

No interior destas pessoas, o espírito reside num silêncio cheio de ritmo.

Quando encontrarem seu amigo na rua ou no mercado, permitam que o espírito que reside em seus interiores mova seus lábios e guie suas línguas.

Deixem que a voz oculta em suas vozes fale ao ouvido oculto em seu ouvido;

Pois sua alma guardará a verdade em seus corações da mesma forma que se recordam do sabor de um bom vinho.

Mesmo muito após sua cor haver sido esquecida, e sua garrafa não mais existir.”

E UM ASTRÔNOMO lhe disse, “mestre, e o que dizer do Tempo?”.

E ele respondeu:

“Vocês buscam medir o tempo, o ilimitado e incomensurável.

Vocês buscam ajustar sua conduta e até mesmo dirigir o curso de seus espíritos de acordo com as horas e as estações.

Vocês buscam fazer do tempo um rio, para que possam sentar em sua margem e observar o correr das águas.

No entanto, o que há de eterno em vocês tem a ciência do que há de eterno na vida,

E sabe que o ontem é tão somente a recordação que temos hoje, e o amanhã é nada mais do que aquilo que hoje sonhamos.

E que aquilo em seu interior, que canta e contempla ao mundo, continua a habitar aquele primeiro momento em que as estrelas foram semeadas pelo espaço.

Quem dentre vocês não sente que o poder de amar é ilimitado?

E, no entanto, quem não percebe que este mesmo amor, embora ilimitado, se encontra represado no centro do seu próprio ser, incapaz de se mover plenamente de um pensamento amoroso ao outro, ou de uma ação amorosa a outra?

E não é o tempo, da mesma forma que o amor, indivisível e insondável?

Mas acaso em seus pensamentos vocês precisem medir o tempo em estações, permitam que cada estação envolva

todas as demais estações,

E que o seu presente abrace o passado com doce lembrança e o futuro com ânsia e carinho.”



E UM DOS ANCIÃOS da cidade lhe disse, “nos fale do Bem e do Mal”.

E ele respondeu:

“Eu posso falar do bem que reside em vocês, mas não do mal.

Pois o que é o mal senão o próprio bem torturado por sua fome e sua sede?

Na realidade, quando o bem sente fome, ele busca alimento até mesmo nas cavernas mais escuras, e quando têm sede, bebe até mesmo nas águas paradas.

Vocês são bons quando se tornam unificados com o que são.

No entanto, mesmo quando estão desunidos de si mesmos, vocês não são maus.

Pois uma casa dividida não é um antro de ladrões; é apenas uma casa dividida.

E um navio sem leme pode vagar sem rumo por recifes perigosos e ainda assim não naufragar.

Vocês são bons quando se esforçam para doar do que são.

No entanto, ainda quando visam apenas o lucro, vocês não são maus.

Pois quando lutam pelo lucro, são como uma raiz que se agarra a terra e suga do seu seio.

Certamente a fruta não dirá a raiz, “Seja como eu, madura e plena, e sempre doando de sua própria abundância”.

Pois, assim como para a fruta a doação é uma necessidade, para a raiz, a necessidade é o receber.

Vocês são bons quando discursam plenamente despertos.

No entanto, mesmo quando adormecem e deixam suas línguas tagarelarem sem propósito, vocês não são maus.

Pois mesmo um discurso gaguejante pode fortalecer uma língua débil.

Vocês são bons quando caminham rumo aos seus objetivos, firmes e com passos intrépidos.

Porém, não são maus quando seguem mancando.

Mesmo os que mancam não andam para trás.

Mas vocês que são fortes e ligeiros, cuidem para que não andem mancando ao lado dos coxos, sentindo pena.

Vocês são bons de inúmeras formas, e não são maus enquanto não são bons,

Estão apenas ociosos e preguiçosos.

Pena que as gazelas não possam ensinar a velocidade às tartarugas!

Em sua ânsia pelo seu eu gigante reside a sua bondade: e esta ânsia está presente em todos vocês.

Mas em alguns de vocês, esta ânsia é uma corrente que desagua com toda a sua vontade no mar, carregando consigo os segredos das colinas e as canções da floresta.

Enquanto que em outros, é um córrego preguiçoso que se perde em meandros e serpenteia em muitas curvas, se arrastando para a costa.

Mas que aquele que tanto anseia pelo oceano evite dizer ao que pouco o deseja, “Por que é tão lento e hesitante?”.

Pois o verdadeiramente bom jamais pergunta ao que está nu, “Onde estão suas roupas?”, e tampouco ao sem teto, “O que aconteceu com a sua casa?””

ENTÃO uma sacerdotisa lhe disse, “nos fale da Oração”.

E ele respondeu, dizendo:

“Vocês oram em seus momentos de angústia e necessidade; quem dera pudessem orar também na plenitude de sua alegria e em seus dias de abundância.

Pois o que é a oração senão a expansão do seu ser no éter vivo?

E se acaso vocês têm conforto ao exalar suas trevas no espaço, seria também um grande conforto se exalasses a aurora de seus corações.

E se não podem reter suas lágrimas quando sua alma lhes chama para orar, ela deveria lhes açoitar repetidamente e através de seu choro, até que aprendessem a orar com alegria.

Quando rezam, vocês se elevam até que possam encontrar, pelas alturas, aqueles que também oram nesta mesma hora; e que, salvo neste momento, talvez nunca encontrassem.

Dessa forma, cuidem para que a sua visita a este templo invisível não tenha outra finalidade que não o êxtase e a doce comunhão.

Pois acaso adentrem ao templo apenas com o propósito de pedir, nada receberão;

E se entrarem nele apenas para que possam se curvar, ninguém os erguerá;

E mesmo que vão até lá somente para mendigar favores para os outros, vocês não serão ouvidos.

Apenas adentrem ao templo invisível, que isto já basta.

Eu não posso lhes ensinar a rezar através das palavras.

Deus não escuta suas palavras, exceto quando Ele mesmo as pronuncia através de seus lábios.

E eu não posso lhes ensinar a oração dos mares e das florestas e das montanhas.

Mas vocês que nasceram das montanhas e das florestas e dos mares, vocês podem encontrar tais preces em seus corações,

E se apenas escutarem a quietude da noitinha, os ouvirão dizer em silêncio:

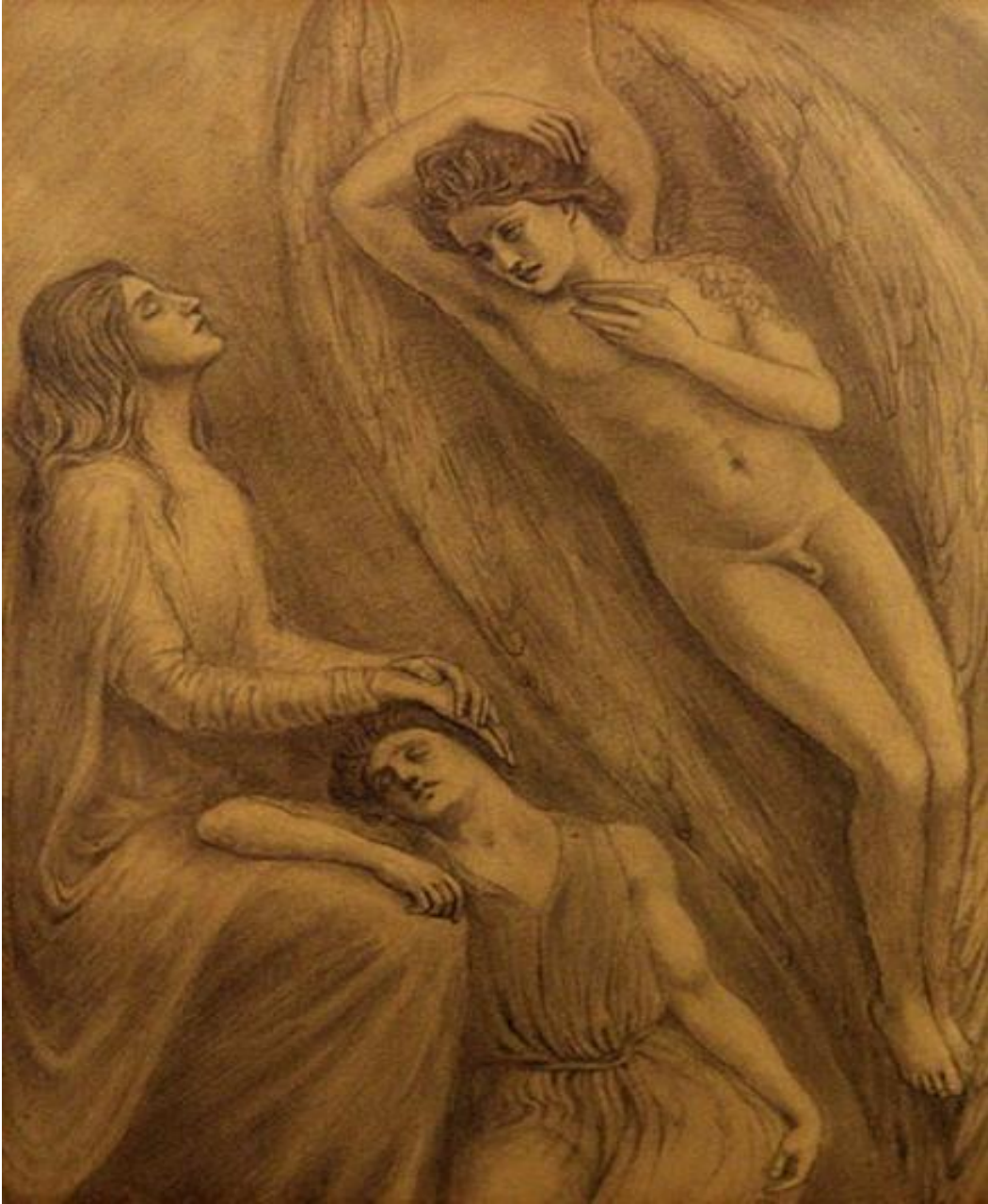
“Deus nosso, tu que és nosso eu alado, é a tua vontade em nós que anseia,

É o teu desejo em nós que deseja.

É o teu impulso em nós que pode transformar nossas noites, que são tuas, em dias, que também são teus.

Nós não podemos pedir-lhe nada, pois que tu conheces nossas necessidades antes mesmo que tenham nascido em nós.

Tu és nossa necessidade; e quando nos oferta mais de ti, tu nos doa tudo o que há para ser doado.””



ENTÃO um eremita, que visitava a cidade uma vez por ano, se aproximou e lhe disse, “nos fale do Prazer”.

E ele respondeu, dizendo:

“O prazer é uma canção de liberdade,

Mas não é a liberdade.

É o florescer dos seus desejos,

Mas não o seu fruto.

É um abismo chamando pelo cume,

Mas não é nem o abismo nem o cume.

É o engaiolado ganhando asas,

Mas não é o espaço que o cerca.

Sim, na verdade, o prazer é uma canção de liberdade.

E de bom grado eu os ouviria cantá-la com todo o seu coração; mas não gostaria que perdessem seus corações durante o canto.

Alguns dos seus jovens buscam ao prazer como se ele fosse tudo que há para se buscar na vida, e eles são julgados e censurados.

Eu não lhes julgaria nem censuraria. Eu os deixaria buscar.

Pois decerto encontrarão o prazer, mas não somente ele;

Sete são as suas irmãs, e a última delas é ainda mais bela que o prazer.

Nunca ouviram falar do homem que cavava a terra em busca de raízes e descobriu um tesouro?

E alguns de seus anciãos recordam seus prazeres com remorso, como erros cometidos durante a embriaguez.

Mas o remorso é o obscurecimento da mente, e não o seu castigo.

Deveriam antes se lembrar de seus prazeres com gratidão, assim como se recordariam de uma colheita de verão.

No entanto, se o seu remorso lhes traz conforto, que sejam reconfortados.

E há aqueles entre vocês que não são nem jovens para buscar e nem velhos para recordar;

E em seu temor de procurar e recordar eles desprezam a todos os prazeres, por medo de estarem negligenciando ou ofendendo seus espíritos.

Porém, mesmo em sua renúncia encontramos seu prazer.

E, dessa forma, eles também encontram seu tesouro, muito embora cavem com suas mãos trêmulas em busca de raízes.

Mas, digam-me, o que pode ofender o espírito?

Acaso o rouxinol ofende a quietude da noitinha, ou o vagalume ofende as estrelas?

E poderão suas flamas e seus fumos pesarem sobre o vento?

Pensam que o espírito é um poço tranquilo que podem perturbar com um bastão?

Muitas vezes, ao negarem a si mesmos o seu prazer, nada mais fazem do que represar seus desejos nos refluxos do seu ser.

E quem poderá saber se o que hoje parece omitido não está somente esperando pelo amanhã?

Mesmo o seu corpo conhece sua herança e seus direitos, e vocês não poderão enganá-lo.

O seu corpo é a harpa de sua alma,

E cabe somente a vocês retirar dela uma música melodiosa ou ruídos dissonantes.

E agora vocês perguntam em seus corações, “Como poderemos distinguir o que é bom no prazer do que não é bom?”.

Dirijam-se aos seus campos e jardins, e deverão aprender que o prazer da abelha é sugar o mel da flor,

Mas que é também um prazer para a flor ofertar do seu mel a abelha.

Pois para a abelha uma flor é uma fonte de vida,

E para a flor uma abelha é uma mensageira de amor,

E para ambas, abelha e flor, a doação e o recebimento do prazer são uma necessidade e um êxtase.

Povo de Orphalese, busquem ao prazer como o fazem as flores e as abelhas.”

E UM POETA lhe disse, “nos fale da Beleza”.

E ele respondeu:

“Onde deverão buscar a beleza, e como a poderão encontrar, a menos que ela mesma seja o seu caminho e o seu guia?

E como poderão falar acerca dela, a menos que ela mesma seja a tecelã de suas palavras?

Os feridos e os ofendidos dizem, “A beleza é amável e gentil.

Como uma jovem mãe, um tanto encabulada em sua própria glória, ela caminha entre nós”.

E os apaixonados dizem, “Não, a beleza é uma força terrível e poderosa.

Como uma tempestade, ela sacode a terra abaixo e os céus acima”.

Os cansados e os gastos dizem, “A beleza é um sussurro suave.

Ela nos fala em nosso próprio espírito.

Sua voz cede aos nossos silêncios como uma luz tênue que tremula por temor da sombra”.

Mas os desassossegados dizem, “Nós ouvimos os seus gritos ecoando pelas montanhas,

E com eles vinham o som dos cascos dos cavalos, o bater das asas das aves e o rugido dos leões”.

À noite, os guardas da cidade dizem, “A beleza surgirá do leste com a alvorada”.

E ao meio-dia, os trabalhadores e os caminhantes dizem, “Nós a temos visto se inclinando sobre a terra, das janelas do poente”.

No inverno, os que estão presos na neve dizem, “Ela chegará junto com a primavera, pulando sobre as colinas”.

E no calor do verão os que fazem a colheita dizem, “Nós a vimos dançar com as folhas do outono, e havia flocos de neve entre seus cabelos”.

Todas essas coisas vocês disseram da beleza.

Mas na realidade não falaram dela, e sim de seus desejos não satisfeitos.

E a beleza não é um desejo, mas um êxtase.

Não é uma boca sedenta ou uma mão vazia estendida,

Mas, antes, um coração inflamado e uma alma encantada.

Ela não é a imagem que gostariam de ver nem a canção que desejam ouvir,

Mas, antes, a imagem que contemplam com os olhos fechados e a canção que ouvem com os ouvidos tapados.

Não é a seiva por baixo da casca enrugada, nem uma asa atada a uma garra,

Mas, antes, um pomar sempre florescendo e uma revoada eterna de anjos.

Povo de Orphalese, a beleza é a Vida quando a Vida desvela sua face sagrada.

Mas vocês são a Vida, e também o seu véu.

A beleza é a eternidade olhando para si mesma num espelho.

Mas vocês são a eternidade, e também o espelho.”

E UM VELHO SACERDOTE lhe disse, “nos fale da Religião”.

E ele disse assim:

“E acaso eu tenho falado de outra coisa no dia de hoje?

Não é a religião todos os nossos atos e reflexões?

E tudo o que não é ação ou reflexão, mas um espanto e uma surpresa sempre geminando da alma, mesmo quando as mãos talham a pedra ou manejam o tear?

Quem pode separar sua fé dos seus atos, ou suas crenças de seus afazeres?

Quem pode espalhar suas horas perante a si, dizendo:

“Estas são para Deus, e estas para mim;

Estas são para minha alma, e estas outras para o meu corpo”?

Todas as suas horas são asas que batem através do espaço, viajando de um eu ao outro eu.

Aquele que veste sua moralidade como um traje de gala estaria melhor andando nu;

O vento e o sol não cavarão buracos em sua pele.

E aquele que define sua conduta pela ética aprisiona seu pássaro cantador numa gaiola.

A canção da liberdade não ecoa através de grades e arames.

E aquele para quem a adoração é uma janela, para ser aberta e fechada, este ainda não visitou o santuário de sua alma, onde todas as janelas permanecem abertas de manhã a manhã.

Sua vida cotidiana é o seu templo e sua religião.

Todas as vezes que a adentrarem, lembrem-se de trazer consigo todo o seu ser.

Tragam o arado e a forja, e também a marreta e o alaúde,

Todas as coisas que moldaram por necessidade ou por prazer.

Pois em seus sonhos lúcidos vocês não podem se elevar acima de suas conquistas nem cair abaixo de seus fracassos.

E trazem consigo todos os homens;

Pois em sua adoração vocês não podem voar acima de suas esperanças nem rastejar abaixo de seu desespero.

E se vocês desejam conhecer a Deus, não sejam como os decifradores de enigmas.

Olhem, antes, ao seu redor, e deverão encontra-Lo a brincar com suas crianças.

E olhem para o espaço; O verão caminhando nas nuvens, estendendo os braços no relâmpago e desaguando junto a chuva.

Vocês O verão sorrindo nas flores, e então se elevando e agitando as mãos pelas árvores.”



ENTÃO, Almitra falou e lhe disse, “agora nós gostaríamos de lhe indagar sobre a Morte”.

E ele respondeu assim:

“Vocês gostariam de saber o segredo da morte.

Mas como o encontrarão a menos que o busquem no coração da vida?

A coruja, cujos olhos, que foram feitos para a noite, tornam-se cegos durante o dia, não pode desvelar o mistério da luz.

Acaso queiram realmente contemplar o espírito da morte, escancarem as portas de seu coração para o corpo da vida.

Pois a vida e a morte são uma mesma coisa, assim como o rio e o oceano são como um.

Nas profundezas de suas esperanças e anseios repousa em silêncio o seu conhecimento do que há além;

E como sementes sonhando sob a neve, o seu coração sonha com a primavera.

Confiem em seus sonhos, pois neles estão ocultos os portais da eternidade.

O seu temor da morte é semelhante ao medo do camponês que necessita comparecer diante do rei, e o rei coloca a mão em seu ombro em sinal de consideração.

Não estaria o camponês sentindo uma grande alegria, apesar de todo o seu temor, por receber as insígnias do rei?

E, no entanto, não estará o camponês mais atento ao seu medo do que a sua alegria?

Pois que é morrer senão se apresentar nu para o vento e dissolver-se no sol?

E o que é o cessar da respiração senão o libertar do hálito de suas marés inquietas, para que ele possa se elevar e se expandir, e esteja enfim livre para buscar a Deus sem a carga de outrora?

É somente quando beberem do córrego do silêncio que vocês poderão cantar de verdade.

E quando atingirem ao cume da montanha, só então poderão iniciar a escalada.

E quando a terra reivindicar os seus braços e pernas, é então que poderão dançar realmente livres.”



ENTÃO, já era noitinha.

E Almitra, a vidente, disse, “Bendito seja este dia e este lugar e o seu espírito que nos falou”.

E ele respondeu,

“Fui eu realmente quem falou?

Não era eu também um ouvinte?”

Então ele desceu os degraus do Templo e todos o seguiram.

E ele alcançou seu navio, subindo ao convés.

E encarando novamente o povo, ele elevou a voz e disse assim:

“Povo de Orphalese, o vento me convida a lhes deixar.

Embora eu não esteja tão apressado quanto o vento, ainda assim eu preciso ir.

Nós andarilhos, sempre a procura da via mais solitária, jamais iniciamos um dia onde encerramos o dia anterior; e nenhuma aurora nos encontra onde o poente nos deixou.

Mesmo enquanto a terra dorme, nós viajamos.

Nós somos as sementes de uma planta que perdura, e é em nosso amadurecimento e plenitude do coração que somos dados ao vento e espalhados.

Breves foram os meus dias entre vocês, e ainda mais breves foram as palavras que lhes pronunciei.

Mas acaso um dia minha voz desvaneça em seus ouvidos, e meu amor desapareça de suas memórias, então eu retornarei,

E com um coração mais fecundo e lábios ainda mais obedientes ao espírito eu lhes falarei novamente.

Sim, eu devo voltar junto a maré,

E embora a morte possa me ocultar, e o grande silêncio me abarcar, uma vez mais eu buscarei a sua compreensão.

E não buscarei em vão.

Se algo do que lhes disse for verdade, tal verdade deve revelar a si mesma através de uma voz ainda mais clara, e em palavras mais acessíveis ao seu entendimento.

Eu sigo junto ao vento, povo de Orphalese, mas não descerei ao vazio do nada;

E se este dia não foi uma realização dos seus anseios e do meu amor, então que ele seja uma promessa de outro dia.

As necessidades do homem mudam, mas não o seu amor, e nem o seu desejo de que seu amor satisfaça seus anseios.

Saibam, no entanto, que do silêncio supremo um dia retornarei.

A névoa que desvanece pela manhã, deixando somente o orvalho nos campos, deve se elevar e se condensar em nuvem e então chover sobre a terra.

E eu não tenho sido diferente da névoa.

Na quietude da noitinha eu caminhei por suas ruas, e meu espírito adentrou suas casas,

E as batidas dos seus corações eram ouvidas também em meu coração, e o seu hálito refrescava minha face, e eu os conheci a todos.

Sim, eu conheci sua alegria e sua dor; e enquanto dormiam, seus sonhos eram também os meus sonhos.

Muitas vezes eu estive entre vocês como um lago no meio das montanhas.

E em minhas águas havia reflexos dos cumes que se elevam em seus interiores, das encostas encurvadas de seus montes, e até mesmo dos rebanhos errantes de seus pensamentos e desejos.

E para o meu silêncio desaguaram os córregos dos risos de suas crianças e os riachos das ânsias de seus jovens.

E mesmo quando atingiram meu abismo profundo, os córregos e riachos ainda insistiam em cantar.

Todavia, algo mais doce que os risos e mais grandioso que os anseios veio até mim.

Era o ilimitado em vocês;

O homem da vastidão, do qual todos vocês são meras células e tendões;

Aquele que, quando canta, reduz todas as suas cantorias a nada mais do que murmúrios incompreensíveis.

É nesta vastidão que vocês são grandiosos,

E foi contemplando ao homem que nela vive que eu os encontrei e os amei.

Pois que distâncias pode o amor alcançar que não estejam contidas nesta vasta esfera?

Que visões, que esperanças e que presunções podem planar acima deste voo?

Como um carvalho gigante recoberto por flores de macieira, assim é o homem da vastidão em vocês.

Sua força os conecta a terra, sua fragrância os eleva ao espaço, e em sua resiliência todos vocês são imortais.

Já lhes disseram que, assim como uma corrente, vocês são tão frágeis quanto o seu elo mais frágil.

Esta é somente uma meia verdade.

Vocês são igualmente tão fortes quanto o seu elo mais forte.

Medir-lhes por suas pequenezas é como avaliar o poder do oceano pela efemeridade de sua espuma.

Julgar-lhes por seus erros é como censurar as estações por sua inconstância.

Sim, vocês são como um oceano.

E embora os navios encalhados em suas praias aguardem pelo fluxo da maré, vocês, como o oceano, tampouco podem apressar suas marés.

E vocês também são como as estações,

E embora em seu inverno vocês neguem a primavera,
A primavera, que repousa em seu interior, sorri em seu sono e não se sente ofendida.

Não pensem que lhes digo tais coisas para que possam repetir um para o outro,

“Ele nos elogiou bastante.

Ele viu somente as nossas qualidades”.

Eu apenas expressei em palavras o que vocês já sabem em pensamento.

E o que é a sabedoria das palavras senão a sombra da sabedoria sem palavras?

Seus pensamentos e minhas palavras são as ondas de uma memória secreta que guarda os registros de seu passado,

E dos dias ancestrais quando a terra não nos conhecia, e nem conhecia a si mesma,

E das noites em que a terra era forjada no caos.

Os sábios vieram até vocês lhes ofertar de sua sabedoria.

Eu vim tomar de sua sabedoria;

E saibam que eu encontrei o que é ainda superior ao saber:

Um espírito flamejante em seu interior que se alimenta de si próprio e está em constante afloramento,

Enquanto vocês, ignorantes da sua expansão, lamentam o desvanecer dos seus dias.

É a Vida a procura da Vida em corpos que temem as sepulturas.

Aqui não há sepulturas.

Estas montanhas e estas planícies são um berço e um trampolim.

Cada vez que passarem pelo campo onde sepultaram seus ancestrais, olhem com atenção e verão a vocês e suas crianças dançando de mãos dadas.

Em realidade vocês têm muitas vezes ali se alegrado sem saber o por quê.

Outros vieram até vocês, aos quais, em troca de promessas douradas, vocês doaram riquezas, poder e glória.

E eu que lhes tenho dado menos do que uma promessa, recebi em troca uma generosidade ainda maior.

Vocês me deram uma sede profunda de vida.

Certamente não há maior dádiva para um homem do que a transformação de todos os seus anseios em lábios sedentos, e toda a sua vida numa fonte.

E nisto consiste minha honra e meu prêmio,

Que sempre que venho até a fonte beber, encontro a própria água viva e sedenta;

E enquanto a bebo, ela também me bebe.

Alguns de vocês têm me julgado orgulhoso e demasiadamente reservado por haver recusado seus presentes.

Sou, realmente, muito orgulhoso para receber salários, mas não presentes.

E embora eu tenha comido dos morangos das colinas quando vocês os teriam me servido em suas casas,

E embora eu tenha dormido no pórtico do templo quando vocês teriam me abrigado em suas casas,

Não foi exatamente o seu amor e a sua preocupação com meus dias e minhas noites que tornaram os meus morangos ainda mais doces, e povoaram os meus sonhos com belas visões?

É por isso que mais os abençoo:

Vocês doam tanto, e mal sabem o quanto.

Em verdade, a bondade que encara a si mesma num espelho se torna petrificada,

E uma boa ação que muito admira a si própria se torna uma maldição.

E alguns de vocês me acharam distante, e embriagado por minha própria solidão;

E vocês disseram:

“Ele se reúne com as árvores da floresta, mas não com os homens.

Ele se senta sozinho no alto das montanhas, e de lá observa nossa cidade”.

É verdade que eu escalei montanhas e caminhei por locais ermos.

Como os poderia ter visto senão de uma grande altura ou distância?

Como pode alguém estar perto a não ser que esteja longe?

E outros dentre vocês me chamaram, embora não com palavras, e me disseram:

“Estranho, estrangeiro, amante das alturas inalcançáveis, por que habita os cumes onde as águias constroem seus ninhos?

Por que busca ao inatingível?

Que temporais espera aprisionar em sua rede,

E que aves etéreas você caça pelos céus?

Venha e seja um de nós.

Desça, e satisfaça sua fome com nosso pão, e alivie sua sede com nosso vinho”.

Na solidão de suas almas eles disseram tais coisas;

Mas acaso sua solidão fosse mais profunda, eles teriam compreendido que eu buscava somente o segredo de sua alegria e de sua dor,

E que eu caçava apenas os seus eus maiores que perambulam pelos céus.

Mas o caçador era também a caça;

Pois muitas de minhas flechas partiram de meu arco apenas para mirarem ao meu próprio peito.

E o que voava nas alturas era o mesmo que rastejava no solo;

Pois, quando minhas asas eram abertas sob o sol, a sombra que formavam na terra era a de uma tartaruga.

E eu, o que tinha fé, era também o que duvidava;

Pois muitas vezes coloquei o dedo em minha própria ferida para que assim pudesse ter ainda mais fé em vocês, e para que pudesse aumentar o meu conhecimento de suas almas.

E é com essa crença e esse conhecimento que eu lhes digo:

“Vocês não estão enclausurados em seus corpos, nem confinados em suas casas ou plantações.

O que realmente são reside acima das montanhas, e vagueia com os ventos.

Não é algo que rasteja em direção ao sol para se aquecer, ou algo que cava buracos na escuridão em busca de segurança,

Mas sim algo que é livre, um espírito que abarca a terra e se move pelo éter.

Se essas palavras lhes soaram vagas, então não busquem por seu esclarecimento.

Vago e nebuloso é o início de todas as coisas, mas não o seu fim,

E eu gostaria que vocês se lembrassem de mim como um começo.

A vida, e tudo o que vive, é concebida na névoa e não no cristal.

E quem sabe se o cristal não é uma névoa em decomposição?

É isso que gostaria que lembrassem ao pensarem em mim:

Que aquilo que aparenta ser o mais fraco e desorientado em vocês é, na verdade, o mais forte e determinado.

Não foi o seu fôlego que ergueu e solidificou a estrutura de seus ossos?

E não foi um sonho do qual nenhum de vocês lembra ter sonhado o que edificou sua cidade e modelou tudo o que há dentro dela?

Acaso pudessem ver as marés desse fôlego, vocês cessariam de olhar para tudo o mais,

E se pudessem ouvir aos sussurros desse sonho, deixariam de ouvir todos os outros sons.

Mas vocês não veem, e tampouco ouvem, e isso é bom.

O véu que encobre seus olhos será levantado pelas mãos que o teceram,

E a argila que tampa seus ouvidos será rompida pelos dedos que a modelaram.

E então, vocês verão.

E então, vocês ouvirão.

E ainda assim, não lamentarão haverem conhecido a cegueira, nem se arrependerão por terem sido surdos.

Pois neste dia vocês irão conhecer aos propósitos ocultos de todas as coisas,

E abençoarão as trevas da mesma forma que abençoam a luz”.

Após haver dito tais coisas, ele se virou e viu o piloto de seu navio postado ao leme, ora fitando as velas abertas, ora o horizonte.

E ele disse assim:

“Paciente, pacientíssimo, é o capitão de meu navio.

O vento sopra, e as velas estão inquietas;

Até o timão implora que o orientem;

Porém, o capitão espera calmamente pelo meu silêncio.

E esses marinheiros de minha terra, que têm ouvido ao coro dos grandes mares, eles também têm me ouvido com paciência.

Agora eles não devem esperar mais.

Estou pronto.

O córrego já alcançou o mar, e uma vez mais a grande mãe aperta ao seu filho contra o peito.

Adeus, povo de Orphalese.

Este dia já se foi.

Ele se encerra sobre nós como o lótus se fecha sobre o seu próprio amanhã.

O que aqui nos foi doado, nós guardaremos,

E se não foi ainda o suficiente, então novamente deveremos nos reunir para que possamos, juntos, estender nossas mãos para o doador.

Não esqueçam que eu ainda deverei retornar para vocês.

Mais um pequeno instante, e minha saudade começará a recolher pó e espuma para um novo corpo.

Mais um pequeno instante, um momento de descanso sobre o vento, e outra mulher me conceberá.

Adeus a vocês, e a juventude que passei entre vocês.

Foi como se fosse ontem que nos encontramos num sonho.

Vocês cantaram para mim em minha solidão e eu, com seus anseios e saudades, construí uma torre no céu.

Mas agora nosso sono fugiu e nosso sonho acabou, e já não é mais manhã.

O meio-dia nos abrasa e nossa sonolência tornou-se dia cheio, e devemos nos separar.

Se nos encontrarmos novamente no crepúsculo da memória, então conversaremos de novo, e vocês hão de me cantar uma canção ainda mais profunda.

E caso nossas mãos se toquem noutro sonho, nós construiremos uma nova torre no céu”.

Assim dizendo, ele acenou para os marinheiros, e logo após eles levantaram a âncora, soltaram as amarras e navegaram para o leste.

E um choro ecoou pelas pessoas, como se houvesse saído de um só coração;

E se elevou no crepúsculo, voando longe sobre o mar como um doloroso soar de trombeta.

Apenas Almitra permaneceu em silêncio, observando o navio até que desapareceu no nevoeiro.

E mesmo após todos haverem retornado para suas casas, ela ainda estava lá, só, de pé sobre o quebra-mar, recordando em seu coração ao que ele lhes disse:

“Mais um pequeno instante, um momento de descanso sobre o vento, e outra mulher me conceberá.”

FIM



Epílogo: Após Gibran

Gibran é o tipo de escritor que trabalha no limite da linguagem, quando as palavras, apesar de serem apenas cascas de sentimento, conseguem ainda assim trazer um resquício do gosto e do perfume dos frutos que crescem além do tempo, no interior da alma.

Teria sido impossível experimentar de tais cascas sem, ao menos, tentar retribuir ao grande poeta do Líbano, e de todo o mundo, com palavras que surgiram da reflexão da luz de sua obra em minha própria alma. Esta é, portanto, a minha homenagem ao Profeta:

ENTÃO um sacerdote lhe disse, “nos fale do Passado e do Futuro”.

E ele respondeu:

“O passado e o futuro estão dentro de vocês, e não fora.

O passado é como uma trilha de migalhas de pão que delimita o caminho que percorremos na floresta, e os degraus que subimos na montanha.

Ele também nos aponta as armadilhas e os trechos sem saída. Ele nos traz a história de todos os nossos irmãos, que seguiram por este mesmo caminho, em eras de outrora.

Porém, não se admirem demasiadamente com o passado.

Não queiram viver uma vida que já não existe mais; não queiram seguir a trilha reversa, atrás de migalhas que não estão mais lá.

Que a natureza não se detém em tempo algum. Os rios fluem sem cessar, e toda represa um dia encontra um caminho para vencer o concreto e seguir em frente.

Povo de Orphalese, não sejam represadas, sejam rios!

Que a vida segue apenas em uma única direção: adiante.
E todos aqueles que ignoram tal verdade, se tornam mortos enquanto vivos, cheios de lágrimas represadas.

E o futuro, este é o hóspede que ainda não chegou.
Portanto, não se preocupem em arrumar a casa para ele, pois que ele tampouco avisou quando irá chegar.

Talvez, sejamos nós que tenhamos de chegar a sua casa.
Talvez ele more no cume da montanha, e seu convite seja como um chamamento, para que prossigamos a subir, sem mourejar.

E quando chegarmos lá no alto, veremos que de nada adiantou toda essa preocupação com sua visita...

Todos os jantares e todas as mesas postas, tudo em vão.

Foi no café da manhã que chegamos em sua morada, e lá do alto víamos o vale ensolarado e toda a extensão de nossas vidas na floresta.

E soubemos que a mesa estava posta para nós, e não para o hóspede.

Que o hóspede era na verdade o anfitrião.

Que a Vida não atende aos nossos compromissos: ela tem os seus próprios.

E da sua agenda, a Vida mesmo cuida.

Que nada foi gravado em pedra.

E todas as coisas fluem, como as estações.

E todas as histórias se encerram em um único momento.

Este é o momento que realmente nos importa, meus irmãos: a vida se vive neste farfalhar de grama, nesta brisa incessante, neste aroma eterno de primavera..."

E OUTRO DOS ANCIÃOS da cidade lhe disse, “nos fale da Busca pela Verdade”.

E ele respondeu:

“Busquem a verdade como quem busca o horizonte.

Pois vocês sabem: o horizonte está sempre à frente. Não adianta se virar para outra direção nem pegar um atalho.

O horizonte está além de qualquer atalho, e seu reino jaz no fim de todos os caminhos.

Mas não se inquietem com a imensidão do céu nem com a distância que os separa da verdade.

O infinito é dividido em eras, as eras são divididas em dias humanos, e tais dias são divididos em momentos...

A cada momento a sua preocupação, e a sua verdade.

Não achem que algum momento trará “a verdade”, mas fiquem satisfeitos se encontrarem “uma verdade”.

Povo de Orphalese, não busquem a verdade como quem busca um vagalume pela noite.

Não confundam vagalumes com estrelas; nem pretendam que, ao agarrarem um com as mãos, tenham dominado uma verdade.

Que a luz não se detém nem com as mãos nem com a razão. Ela escapa, flui por entre caminhos invisíveis, e só se revela nos sonhos de suas almas.

E as estrelas da noite, essas estão muito além do horizonte.

Cabe ao homem buscar a verdade neste mundo, para somente após se arremessar rumo às estrelas.

Que todos os dias dos homens são como um piscar de olhos da eternidade. E não há verdade que fuja dela.

Toda a luz do mundo irradia da essência que está fora do tempo, além de seus horizontes, no momento que é para sempre o mesmo...

Mas não se demorem muito em tais pensamentos, nem pretendam serem desbravadores de novas eras.

Que todas as eras já foram desbravadas, e todas as verdades já foram descobertas.

Contentem-se, portanto, em viver com alegria.

Em buscar ao horizonte não como quem quer se salvar do mundo, mas como quem quer abraçar o céu inteiro, e dançar com as estrelas pela noite adentro..."

ENTÃO Almitra se aproximou e lhe disse, "nos fale dos Templos".

E ele respondeu assim:

"Vocês não precisam ir muito longe para encontrar sua divindade, assim como o camponês não precisa caminhar distâncias para encontrar água - ele edificou sua casa perto dos rios e dos oceanos.

E, quando o rio seca, ele cava um poço bem profundo.

E, quando o oceano se eleva e destrói sua casa com suas ondas, ele entende que ainda não pode morar tão próximo das marés.

Ai daquele, no entanto, que construiu sua casa em terra seca e pedregosa, ou que destruiu a própria floresta e mudou o curso dos rios, pois que para esse nada restará além de cavar dentro de si mesmo, sangrando ao arrancar pedaços da própria pele.

Por isso, povo de Orphalese, não deem ouvidos aqueles que os chamam para orar em seus templos desolados.

E bradam em voz alta o que deve e o que não deve ser feito para agradecer aos deuses.

Que se construíram sua igreja em terreno infértil, foi porque não souberam encontrar as sementes que o Amado arremessou em nossa terra...

E não as tendo encontrado, não as plantaram.

E não as tendo plantado, tampouco floresceram.

E não tendo florescido, sua fragrância lhes é desconhecida, e por isso vivem a reclamar do fedor alheio.

Pois quem vive em meio ao mau cheiro, acha que só existe mau cheiro no mundo.

E, acostumando-se ao próprio mau cheiro, crê piamente que a sua fragrância é a única capaz de agradar aos deuses.

Só que não existem os deuses, apenas os emissários do Amado.

Que semearam a terra desde épocas remotas, desde eras em que éramos apenas sementes, e não homens e mulheres...

E, tendo compreendido tal mistério, o camponês soube que o melhor lugar para edificar sua casa era em seu próprio coração.

Que a água dos rios e oceanos flui por todos os lugares, e de tempos em tempos faz sua viagem pelos céus.

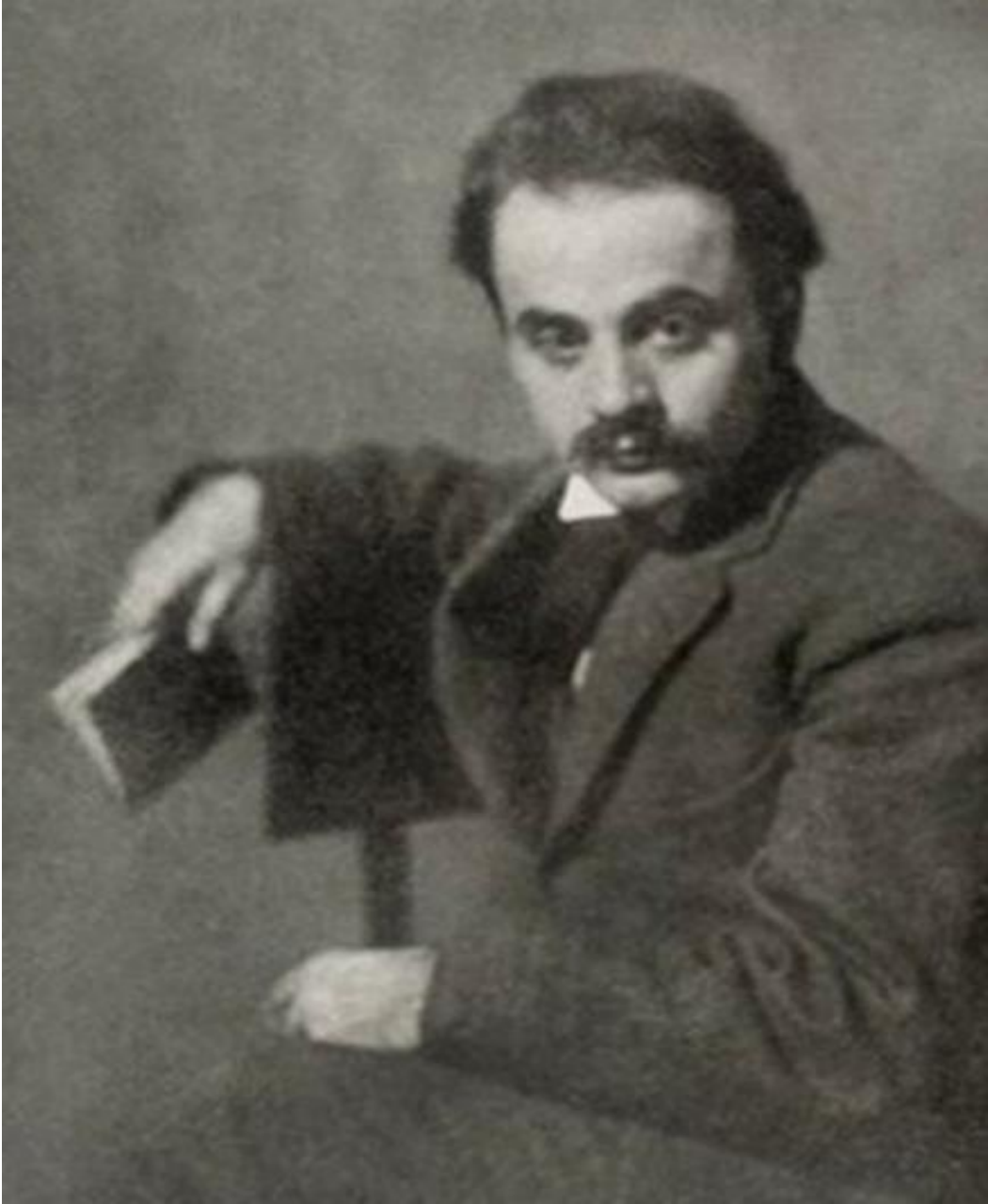
E as chuvas que alagam sua plantação são as mesmas que dão vida a tudo o que há.

E a fragrância do Amado penetra a tudo e a todos.

E não é necessário convencer a ninguém disso - *um dia, saberão.*

Da mesma forma que sabem que toda semente um dia vira árvore.

Contanto que a cuidemos com o mesmo amor com o qual temos sido cuidados por todas essas eras...”





Esta foi uma edição
Textos para Reflexão

Muito obrigado por sua leitura.

Para mais obras de grandes autores pelo preço de um café, busque por textos para reflexao na mesma loja em que comprou este livro digital.



Algumas obras que já editamos com carinho...

Navegar é preciso
Fernando Pessoa

Assim falou Zaratustra
Friedrich Nietzsche

Poemas de
Álvaro de Campos
Fernando Pessoa

O Profeta
Khalil Gibran

Rumi - A dança da alma
Jalal ud-Din Rumi e
Rafael Arrais

A Voz do Silêncio
Helena Blavatsky

A Arte da Guerra
Sun Tzu



Faça-nos uma visita em
facebook.com/textosparareflexao

Table of Contents

[Sumário](#)

[Introdução](#)

[O Profeta](#)

[Epílogo: Após Gibran](#)